



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ  
CAMPUS SANTARÉM  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE  
BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA

**FESTRIBAL: UM DIÁLOGO SOBRE A CULTURA INDÍGENA E SOBRE  
ARQUEOLOGIAS EM JURUTI-PARÁ.**

**SANTARÉM - PA  
2023**

**INDIRA BARBARA LIMA AMAZONAS**

**FESTRIBAL: UM DIÁLOGO SOBRE A CULTURA INDÍGENA E SOBRE  
ARQUEOLOGIAS EM JURUTI-PARÁ.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Antropologia e Arqueologia – PAA, como requisito para obtenção de grau em bacharel em Arqueologia, pela Universidade Federal do Oeste do Pará.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Anne Rapp Py-Daniel.

**SANTARÉM - PA  
2023**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**  
**Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/UFOPA**

---

A489f Amazonas, Indira Barbara Lima  
Festribal: um diálogo sobre a cultura indígena e sobre arqueologias em Juruti - Pará./  
Indira Barbara Lima Amazonas.- Santarém, 2023.  
89 p. : il.  
Inclui bibliografias.

Orientadora: Anne Rapp Py-Daniel.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do Pará,  
Instituto de Ciências da Sociedade, Bacharelado em Arqueologia.

1. Festribal. 2. Juruti. 3. Arqueologia. 4. Patrimônio Cultural. I. Py-Daniel, Anne  
Rapp, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 363.69098115

INDIRA BARBARA LIMA AMAZONA

**FESTRIBAL: UM DIÁLOGO SOBRE A CULTURA INDÍGENA E SOBRE  
ARQUEOLOGIAS EM JURUTI-PARÁ.**

Conceito: 10,0

Data de Aprovação: 10/07/2023



---

Profa. Dra. Anne Rapp Py-Daniel - Orientadora  
Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)



---

Profa. Dra. Marcia Bezerra de Almeida  
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** MYRIAN SA LEITAO BARBOZA  
Data: 10/07/2023 16:18:05-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Dra. Myrian Sá Leitão Barboza  
Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)



## **RESUMO**

Em Juruti-Pará, todos os anos acontece o Festribal, um festival considerado como o maior patrimônio cultural do município, onde duas agremiações denominadas Tribo Munduruku e Tribo Muirapinima, disputam um título através de suas apresentações com danças, alegorias, artes cênicas, entre outros, dentro de temas pautados na cultura indígena. Seus nomes carregam a narrativa dos jurutienses sobre as suas origens. O material arqueológico encontrado na região, dá auxílio para validação desse discurso. Deste modo, é importante refletir a partir da arqueologia pública sobre como as pessoas do presente interagem com a cultura material do passado em Juruti, e ainda analisar como a disciplina de arqueologia e a valorização da cultura indígena vem sendo difundidas através do Festribal. Para isso, foi necessário fazer um levantamento bibliográfico e entrevistas para obter um panorama da história tanto de Juruti, quanto do festival, e informações complementares. Como resultado, pôde-se perceber a importância do Festribal como um instrumento de diálogo entre a população de Juruti, a cultura indígena e a arqueologia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Festribal; Juruti; Arqueologia Pública; Patrimônio.

## **ABSTRACT**

In Juruti, Pará, every year the Festribal takes place, a festival considered the greatest cultural heritage of the municipality, where two groups called Munduruku Tribe and Muirapinima Tribe compete for a title through their presentations of dances, allegories, theatrical arts, among others, focused on indigenous culture themes. Their names carry the narrative of the people of Juruti about their origins. The archaeological material found in the region aids in validating this discourse. Therefore, it is important to reflect on how people in the present interact with the material culture of the past in Juruti from a public archaeology perspective, and also to analyze how the discipline of archaeology and the appreciation of indigenous culture have been disseminated through Festribal. For this purpose, a bibliographic survey and interviews were conducted to obtain an overview of both Juruti's history and the festival, as well as supplementary information. As a result, we have the Festribal as an important mean of dialogue between the population of Juruti, indigenous culture, and archaeology.

**KEYWORDS:** Festribal; Juruti; Public Archaeology; Heritage.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço as forças superiores que regem esse mundo e me fazem ter fé em mim mesma.

Agradeço a minha mãe que além de ser uma inspiração sempre ativa nas causas sociais e políticas, me apresentou a arqueologia. E também ao meu pai me deu as melhores condições de vida, e frequentemente tentou contribuir com a minha jornada acadêmica com o seu intelecto ímpar.

Sou muito grata a minha avó paterna Dona Zinha (in memória), que me acolheu durante os primeiros anos da faculdade e que todos os dias antes de eu sair de casa para a ir à aula, me abençoava dizendo “estuda minha filha, pois o conhecimento é a única coisa que ninguém pode te tirar”.

Sou muito grata a Karen, uma arqueóloga admirável que muito me ensinou sobre arqueologia e que tenho a honra tê-la como minha melhor amiga e o meu amor (Além de ter me alimentado de conforto, paz e de comida).

Agradeço ao programa de Antropologia e Arqueologia e o quadro de professores que foram essências para minha formação acadêmica, em especial a professora Anne, que me orientou e me incentivou a realizar este trabalho.

Agradeço também ao Luís Alexandre (in memória), um amigo que deixou saudade por ser o meu maior incentivador, meu grude na faculdade, e um ser humano de excelência.

No futuro quando minhas sobrinhas Patrícia, Elena e Isabela aprenderem a ler e tiverem consciência da vida, quero que saibam que agradeço a elas por serem um afago ao meu coração e o sentido de lutar por um futuro melhor.

Não poderia deixar de agradecer aos meus parceiros de longa data que todos os anos vivem comigo intensamente o Festribal, com momentos únicos e com muitas trocas (fococas), Sofia, Giovanni, Lallo, Iago, Andreysse, Thayler. E a Liliam, com quem compartilho uma amizade linda desde a infância e também o gosto por visitar museus.

Gratidão a todos que participaram da minha trajetória acadêmica!

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Eu participando da representação cênica da Tribo Muirapinima em 2022 representando uma guerreira Manaó. ....	11
Figura 2: Minha mãe Ariadne Lima e minha irmã Sofia Amazonas na apresentação da Tribo Muirapinima Mirim. ....	11
Figura 3: Minha mãe e minha irmã, em sua primeira apresentação como o item Porta-Estandarte da Tribo Muirapinima. ....	11
Figura 4: Porta Estandarte, em sua estreia na arena defendendo o seu item representando o voo da liberdade, kwaipusi, no enredo de uma apresentação que clamou pela liberdade dos povos originários. ....	12
Figura 5: Localização de Juruti.....	22
Figura 6: Detalhe de carta de José Joaquim Vitória da Costa.....	23
Figura 7: Localização de Juruti Velho em relação à sede do município.....	24
Figura 8: Materiais arqueológicos encontrados em Juruti. Vaso Pocó (à esquerda) e fragmentos de cerâmica Konduri (à direita). ....	27
Figura 9: Arquibancada da Tribo Mundurukus nas cores vermelha e amarela.....	31
Figura 10: Arquibancada da Tribo Muirapinima das cores azul e vermelho.....	31
Figura 11: Tribódromo.....	33
Figura 12: Arena do Tribódromo durante espetáculo.....	33
Figura 13: Localização do Tribódromo e dos galpões das tribos. ....	34
Figura 14: Índia Guerreira representando Conori, a rainha das Icamíabas. ....	37
Figura 15: Representação cênica das guerreiras Icamíabas.....	37
Figura 16: Representação do ritual Kuarup. ....	38
Figura 17: Representação do Kuarup na Indumentária do Tuxaua.....	38
Figura 18: Apresentação do Tuxaua com indumentária representando o manto Tupinambá. ....	38
Figura 19: Ilustração em aquarela sobre pergaminho que mostra indígenas brasileiros, um deles está vestindo um manto Tupinambá ....	38
Figura 20: Representação do ritual antropofágico Tupinambá. ....	39
Figura 21: Detalhe das cabeças troféu na indumentária do Tuxaua da Tribo Munduruku. ....	40
Figura 22: Detalhe do grafismo das urnas funerárias Marajoaras na fantasia dos dançarinos. ....	40
Figura 23: : Urnas marajoaras representadas na indumentária do tuxaua. ....	40
Figura 24: Gilvana Borari atuando durante a apresentação da Tribo Munduruku. ....	42
Figura 25: Yaguarê Yamã Aripunãguá atuando na apresentação da Tribo Muirapinima.....	42
Figura 26: : Cênica que representa o momento em que o Kariwa (branco invasor) chega, causando desespero aos povos originários do Brasil.....	43
Figura 27: Dançarinos vestidos de porcos do mato segurando batelas simbolizando os garimpeiros. .	44
Figura 28: Putchá-sí, a mãe natureza, cercada por batelas. ....	44
Figura 29: Portal para receber os visitantes na frente da cidade. ....	47
Figura 30: Apresentação da Tribo Munduruku Mirim. ....	49
Figura 31: Apresentação da Tribo Muirapinima Mirim.....	49
Figura 32: Casas com bandeiras nas cores de suas tribos. ....	50
Figura 33: : Arquibancadas cobertas com as cores das bandeiras de suas respectivas torcidas interagindo com as apresentações. À esquerda: arquibancada da Tribo Munduruku; À direita: arquibancada da Tribo Muirapinima. ....	50

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1: Tabela com alguns dos materiais acessados durante a pesquisa .....	18
Tabela 2: Tabela com os temas apresentados pelas associações folclóricas ao longo dos anos .....	34

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2. ARQUEOLOGIA E PATRIMÔNIO</b> .....	14
2.1. Patrimônio Cultural e sua Categoria Imaterial .....	14
2.2. Arqueologia Pública .....	15
<b>3. METODOLOGIA</b> .....	18
3.1. Levantamento Bibliográfico .....	18
3.2. Entrevistas .....	19
<b>4. RESULTADOS</b> .....	22
4.1. Juruti, terra de encantos e magias .....	22
4.2. Histórico da cidade de Juruti .....	22
4.3. Histórico de Pesquisas Arqueológicas em Juruti .....	26
4.4. Histórico do Festibal .....	28
<b>5. DISCUSSÃO</b> .....	36
5.1. Da Amazônia, és recanto altaneiro. Diz teu nome a nobreza Tupi .....	36
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	52
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	53
<b>ANEXOS</b> .....	56

## 1. INTRODUÇÃO

Juruti é carinhosamente conhecida pelos seus filhos como “Terra de gente artista”; minha mãe Ariadne Lima, como uma jurutiense nata, filha de professores, desenvolveu suas habilidades artísticas através da literatura, e há algum tempo, faz pesquisas sobre a cidade e sua história para discorrer em um projeto literário. Estudar arqueologia foi uma escolha influenciada por ela que sempre foi uma grande entusiasta da disciplina. Nas nossas incontáveis andanças às margens do Lago Juruti Velho haviam milhares de cacos cerâmicos, que eram a ilustração da história que cresci ouvindo: Eles pertenciam aos Muirapinimas que habitaram ali, mas foram expulsos pelo povo Munduruku, tal qual era a etnia do meu bisavô materno, João dos Santos. Sempre acreditei que esta era a justificativa para haver um festival em Juruti, onde até hoje tem a rivalidade empenhada pelas associações folclóricas Tribo Munduruku e Tribo Muirapinima.

Apesar de ser uma descendente dos Munduruku, minha mãe se tornou sócia fundadora da Tribo Muirapinima, a associação folclórica que coincidentemente nasceu na escola condecorada com o nome do deputado e primeiro prefeito eleito de Juruti, o seu avô paterno, Américo Pereira Lima. Crescer com o Festribal, proporcionou a mim e aos meus irmãos ter uma infância lúdica imersa na cultura indígena. Quando na faculdade, estudei algo relacionado à etnologia indígena, muitas etnias já me eram familiares; com muita nostalgia me recordava das aulas que tive em forma de espetáculos desde a minha infância; lembrava das músicas cuja as letras se assemelhavam com o conteúdo da literatura acadêmica e das performances encenando as histórias. Ininterruptamente eu e minha família, estivemos envolvidos com a Tribo Muirapinima, especialmente dançando (Figura 1). E diante a esse envolvimento, minha irmã mais nova, Sofia, tinha o sonho de ser um “item”<sup>1</sup> no festival, assim como a maioria das jovens jurutinenses. Hoje ela carrega o pavilhão da Tribo Muirapinima, sendo o item 02 Porta Estandarte (Figuras 2, 3 e 4). Uma conquista que se tornou o sonho realizado de toda a família. Acredito que essa minha vivência pessoal, elucidada como o Festribal pode ser importante para uma família jurutiense, ao ponto de se construir um sonho em torno disso. Não só pelo evento em si, mas por toda a história que ele carrega sobre a nossa identidade, além das memórias que são construídas por quem o vive intensamente todos os anos de sua vida.

---

<sup>1</sup> “Item” se refere a um item de julgamento definido pelo regulamento do festival que pode ser tanto individual ou coletivo. Para maiores esclarecimentos ver anexo A: regulamento.

Figura 1: Eu participando da representação cênica da Tribo Muirapinima em 2022 representando uma guerreira Manaó.



Fonte: Giovani Cabrini, 2022.

Figura 2: Minha mãe Ariadne Lima e minha irmã Sofia Amazonas na apresentação da Tribo Muirapinima Mirim.



Fonte: Acervo pessoal, 2008.

Figura 3: Minha mãe e minha irmã, em sua primeira apresentação como o item Porta-Estandarte da Tribo Muirapinima.



Fonte: Pedro Jorge 2022.



Figura 4: Porta Estandarte, em sua estreia na arena defendendo o seu item representando o voo da liberdade, kwaipusi, no enredo de uma apresentação que clamou pela liberdade dos povos originários.



Fonte: Wigder Frota, 2022.

Embora o Festribal seja grandioso e bem consolidado, são poucos os registros sobre seu surgimento e são raros os estudos que exploram seu viés cultural, artístico, etnográfico, entre outros atributos que o compõem. Assim o meu interesse em realizar uma pesquisa relacionada a Juruti e ao Festribal não parte de uma impessoalidade, pelo contrário, a história de ambos faz parte também da minha história e da minha memória.

No meu percurso acadêmico pude conhecer várias abordagens da arqueologia, entre tantas leituras, me deparei com o texto “O sentido contemporâneo das coisas do passado” de Márcia Bezerra, a partir do qual tive mais contato com a arqueologia pública, e que me fez compreender que o Festribal é uma forma de ressignificar parte do passado de Juruti.

No contexto atual em que a arqueologia pública ganha espaço nos debates acadêmicos, este trabalho está em concordância com as suas abordagens, e busca trazer um panorama de pesquisa decolonial, onde se reconhece que as comunidades são os agentes responsáveis pela construção de sua própria memória e identidade, abrindo espaço para novas narrativas como forma de tornar a arqueologia mais inclusiva, acessível e plural. Partindo da perspectiva em que

a arqueologia não deve se restringir apenas ao compromisso com a materialidade e os sítios arqueológicos, mas também se atentar ao compromisso social com as pessoas que interagem ativamente com estes contextos, a intenção é destacar a atuação da comunidade jurutiense na divulgação da história indígena onde a arqueologia também se faz presente, em uma narrativa própria dentro de seu bem cultural, em que a população acredita que se firmam as suas raízes, sua memória e sua identidade. A partir disso, há uma oportunidade através da arqueologia pública de incentivar a relevância dessa importante atuação na valorização da cultura indígena no cenário político atual, e assim documentar as diversas formas de representação social do patrimônio arqueológico.

Inicialmente o trabalho havia sido pensado com o auxílio de entrevistas roteirizadas com alguns atores importantes que criaram o Festribal, mas que, devido à lamentável pandemia de COVID19, vieram a falecer. Dessa forma a minha fonte principal se tornou a minha mãe Ariadne Lima, por seu vasto conhecimento sobre a história da cidade, e por suas outras atuações que serão apresentadas na metodologia.

Portanto, o trabalho foi dividido da seguinte forma: no primeiro capítulo será apresentada a fundamentação teórica do trabalho onde discorrerei sobre patrimônio e arqueologia pública. No segundo capítulo, será exposta a metodologia utilizada na obtenção de dados. Como resultados, no terceiro capítulo, desenvolvi os históricos da cidade de Juruti, das pesquisas arqueológicas realizadas no município e do Festribal. No quarto e último capítulo, faço uma discussão desses resultados e algumas reflexões sobre a importância do Festribal como meio de diálogo com a população.

## 2. ARQUEOLOGIA E PATRIMÔNIO

### 2.1. Patrimônio Cultural e sua Categoria Imaterial

No Brasil a Constituição Federal de 1988 em seu artigo 216 define que o patrimônio cultural brasileiro são os bens materiais e imateriais que, em conjunto ou individualmente, carregam referências à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, dentre eles temos: formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. Uma caracterização que segue as diretrizes das convenções internacionais propostas pela UNESCO<sup>2</sup>. Recentemente o tema do patrimônio cultural vem sendo bastante explorado, como afirma Gonçalves (2015), pois o interesse por ele não mais se limita ao mecanismo do estado, instituições de salvaguarda e aos pesquisadores, mas também ganhou espaço entre a sociedade civil e diversos movimentos sociais. Isso porque, assim como o que é exposto na literatura e nas vivências sociais, o tópico está vinculado à noção de identidade e memória, que Pezzi (2020) reitera como sendo um fator chave no estudo do patrimônio.

Quando se trata do patrimônio cultural imaterial, memória e identidade se tornam ainda mais relevantes. Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: “*Os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares...*”, desse modo Guimarães (2018) afirma que essas práticas não só constroem memórias, como também reafirmam o sentimento de identidade de forma coletiva. Uma reflexão semelhante com o que Machado e Dias (2009, p.02) pensam a respeito de patrimônio:

O patrimônio é o resultado de uma dialética entre o homem e seu meio, entre a comunidade e seu território. Ele não é apenas constituído pelos objetos do passado oficialmente reconhecidos, mas também por tudo que liga o homem ao seu passado, ou seja, tudo que os seres humanos atribuem ao legado material e imaterial de sua nação.

Assim é importante ressaltar que no Brasil, o registro do patrimônio imaterial foi fundamentado numa abordagem de viés etnográfico dando ênfase aos contextos territoriais e sociais e que, principalmente, centraliza a expressão cultural e seus agentes (SANT’ANA

---

<sup>2</sup> <https://whc.unesco.org/en/conventiontext/>

2017), se destacando internacionalmente por essa particularidade no que diz respeito às políticas de registro e salvaguarda. Sant'anna (2017) ainda afirma que isso se dá pela conduta do Departamento do Patrimônio Imaterial (DPI) que se adapta de acordo com as realidades e necessidade do que está sendo patrimonializado, para que o modelo mecânico dessas políticas conduzidas pelo excesso de burocracia não se sobreponha à realidade e às ações essenciais nesse processo. Portanto, o Brasil tem uma prática singular no que remete ao patrimônio imaterial, que se adequa à realidade de um país com uma grande diversidade cultural, onde grupos sociais, recorrem às políticas de patrimonialização de seus bens culturais, para preservar sua identidade e memória (GONÇALVES, 2015).

No contexto Amazônico, as discussões sobre patrimônio se tornam ainda mais delicadas, pois as relações da sociedade local com as coisas que são definidas como patrimônio pelo estado, não são desenvolvidas da mesma forma que é preconizada pela norma da sociedade brasileira (BEZERRA, 2017). Como bem afirma Guimarães (2018, p.151) ao abordar o patrimônio imaterial em Roraima:

Falar de bem cultural, de patrimônio imaterial, imediatamente nos remete tanto a uma estrutura que define seus conceitos quanto aos atores e agentes que lhe atribuem significação dentro de uma dimensão política e social. Pensar no patrimônio cultural imaterial quer dizer, portanto, elencar critérios que, dentro de campos específicos, possam construir narrativas para determinar os agentes, os atores sociais e os processos de seleção capazes de identificar os bens culturais eleitos para carregar tais elementos significativos.

Diante desta breve discussão, é possível se ter uma dimensão sobre a prudência necessária para lidar não só com o patrimônio cultural imaterial, mas também com a memória de seus detentores. Para Carvalho e Funari (2009) existe a necessidade de se construir, junto com as comunidades, o conceito de patrimônio e de bem público dentro dos princípios norteadores de uma arqueologia pública democrática. Desta forma os autores acreditam que somente quando os indivíduos tiverem ciência destes conceitos, os patrimônios de qualquer espécie poderão ser preservados efetivamente, pois assim terá se desenvolvido a compreensão de que o patrimônio é relevante.

## **2.2. Arqueologia Pública**

Falar de arqueologia atualmente, não significa se ater somente ao passado distante; há algum tempo, a disciplina vem se reinventando para se adaptar às questões do presente. Existe, portanto, uma preocupação sobre o papel da arqueologia dentro da sociedade para além dos limites da academia (CARVALHO e FUNARI, 2009; MENEZES et al, 2014). Desta forma

Leite (2014, p.41) discorre que entender o papel social do arqueólogo “*é, entre outros aspectos, estimular a coexistência de diferentes formas de apreensão/interpretação dos materiais arqueológicos, principalmente ao compreender que leituras possíveis do passado relacionam-se com interesses do presente*”. Levando em consideração a emergência de novos debates e perspectivas, houve a necessidade de abrir um espaço na arqueologia para se debater sobre estas diversidades e expandir os olhares da disciplina para além do método científico. Desta forma, Bezerra (2011: p.62) define a arqueologia pública como:

...uma vertente da Arqueologia preocupada em compreender as relações entre distintas comunidades e o patrimônio arqueológico, considerando o impacto do discurso acadêmico em sua visão de mundo, o lugar de suas narrativas na construção do passado e a gestão comunitária dos bens arqueológicos (Bezerra de Almeida, 2003; Funari, 2004; Pyburn e Wilk, 2000; Schaan, 2007). Como se vê, a Arqueologia Pública é, ao mesmo tempo, produto e vetor de reflexões acadêmicas, de ações políticas e de estratégias de gestão.

Silva (2015) em tradução do artigo de Merrimman “*Introduction –Diversity and dissonance in public archaeology*” (2004) coloca que:

O campo da arqueologia pública é significativo porque estuda os processos e resultados pelos quais a disciplina arqueológica torna-se parte de uma cultura pública mais ampla, onde contestação e dissonância são inevitáveis. Ao tratar de ética e identidade, portanto, arqueologia pública é inevitavelmente ligada à negociação e conflito sobre significado. Essa definição ampla de arqueologia pública abre espaço para discussão, não só de produtos arqueológicos (tais como programas educacionais, exposições de museus e turismo em sítios), mas também processos pelos quais o significado é criado a partir de material arqueológico no espaço público. Arqueologia pública, assim, abraça os debates que se abrem entre as provisões oficiais da arqueologia em prol do público e os diferentes públicos que têm participação na arqueologia, que irão frequentemente debater entre si sobre os significados e valores dos recursos arqueológicos. (Silva, 2015, p.126)

Como mencionado anteriormente, é necessário ter um olhar mais sensível sobre a relação entre as pessoas e o patrimônio arqueológico na Amazônia, desta forma a arqueologia pública vem mediar o conhecimento acadêmico com o conhecimento tradicional das comunidades, além de ser um espaço próprio para discussões em relação ao compromisso político da disciplina. A partir disso, há uma oportunidade através da arqueologia pública de incentivar a relevância dos discursos nativos que fazem parte da sua memória e identidade, e assim documentar as diversas formas de representação social do patrimônio arqueológico.

Exemplos de trabalhos desenvolvidos na Amazônia, com essa abordagem mais sensível, são as pesquisas realizadas por Márcia Bezerra na Vila de Joanes, na ilha do Marajó (BEZERRA, 2011; 2017) e no garimpo de Serra Pelada (2017) e o trabalho de Lucio Leite no Amapá (2014). Neles o protagonismo são as interpretações e as interações das pessoas com o contexto e vestígios arqueológicos encontrados onde vivem. Essa fruição entre as pessoas e o

passado, estabelecem uma singularidade na forma como comunidades distintas se apropriam da cultura material (BEZERRA, 2011). São pesquisas que destacam a importância de se entender as diferentes formas de apropriação do patrimônio arqueológico e a interferência do discurso científico na legitimidade de outras narrativas (BEZERRA, 2013).

Lúcio Leite (2014, p.30) afirma que a materialidade presente nos sítios arqueológicos pode ser vista como uma tradução da vida humana na qual objetos atraem discursos e são significados na construção de outras narrativas sobre o passado e presente. Assim o autor também propõe que *“as narrativas sobre a arqueologia são uma forma de aproximação com as pessoas, e, nesse sentido, percebe-se a existência de uma flexibilidade na cultura material, mesmo quando não existe relação entre os grupos atuais e os materiais escavados”*. (Leite, 2014, p.30)

Desta forma é coerente concordar com o autor quando ele reflete sobre como as comunidades que estão em constante contato com os sítios arqueológicos estabelecem uma interação responsável por novas epistemologias na prática arqueológica, e quando ele afirma que *“A partir do entendimento das percepções dos moradores sobre a cultura material é possível reforçar o papel social da arqueologia, na medida em que a disciplina ao interagir com outras formas de pensamento atua na valorização de interesses sociais e políticos que não são somente dos arqueólogos”* (Leite, 2014, p. 139)

### 3. METODOLOGIA

Para a elaboração deste trabalho foram utilizadas duas abordagens metodológicas complementares: levantamento bibliográficos na literatura, consulta de jornais, entrevistas e apresentações audiovisuais relacionadas ao Festribal; e foram feitas entrevistas para obter informações que não estão disponíveis no material consultado. No capítulo de resultados e discussão essas informações foram integradas.

#### 3.1. Levantamento Bibliográfico

A seguinte tabela foi elaborada com o intuito de destacar os principais materiais acessados e os temas da pesquisa.

Tabela 1: Tabela com alguns dos materiais acessados durante a pesquisa

TÍTULO	AUTOR	TEMA PRINCIPAL	TIPO (ARTIGO, LIVRO, PANFLETO)
Memórias de Rua: As vivências e as visagens históricas de Juruti.	Lilian Panachuk, João Carlos Melo, Jânua Munhoz	Memórias de ruas da cidade de Juruti- Pará	Livro
Memórias da terra: análises cerâmicas e geoquímicas nos sítios Terra Preta 1 e Terra Preta 2	Lilian Panachuk	Estudos de arqueologia na área de intervenção da Mineração em Juruti-Pará	Livro
MINERAÇÃO NA AMAZÔNIA E O CRESCIMENTO URBANO: O CASO DA CIDADE DE JURUTI-PA	Caroliny Menezes de Souza João D’Anuzio Menezes de Azevedo Filho	Análise do crescimento urbano após a chegada da mineração em Juruti-Pará	Artigo
Teto e Afeto: Sobre as pessoas, as coisas e a arqueologia na Amazônia	Márcia Bezerra	Arqueologia pública na Amazônia	Livro

Os sentidos contemporâneos das coisas do passado: reflexões a partir da Amazônia.	Márcia Bezerra	Arqueologia pública	Artigo
Relatório Final: Levantamento arqueológico na área de intervenção do Projeto de Mineração Juruti-Pará	Solange Caldarelli	Levantamento arqueológico	Relatório
O mal-estar no patrimônio: identidade, tempo e destruição	José Reginaldo dos Santos Gonçalves	Patrimônio Cultural	Artigo
Desafios e perspectivas da política federal de salvaguarda do patrimônio cultural.	Márcia Sant'anna	Patrimônio Cultural	Artigo

Fonte: Elaboração da autora, 2023.

Além dessas referências, outros textos foram lidos como documentos, projetos, regulamentos entre outros que trouxeram informações complementares e estão em anexo, que foram fornecidas pela fonte principal.

### 3.2. Entrevistas

Foram utilizados dois modelos de entrevistas por se tratar de fontes com informações diferentes:

1.O primeiro modelo foi o de entrevistas não gravadas, com a fonte principal Ariadne Lima, com a qual foi possível realizar extensas conversas durante um longo espaço de tempo, de maneira que a entrevistada pudesse falar à vontade sobre o tema. Ela foi escolhida como a fonte principal por sua extensa atuação na cultura em Juruti. Natural de Juruti, Ariadne tem uma extensa relação com o Festrival, que se iniciou em 1996, quando a fundadora da Tribo Muirapinima, Aurecília Andrade, sua prima, a convidou para participar ajudando para conseguir recursos para a apresentação da Tribo, e no ano de 1997 foi convidada a ajudar na



organização da Tribo. Em 1998, auxiliou na criação da minuta dos Estatutos das duas tribos e participou da fundação da Associação Folclórica Cultural e Recreativa Tribo Muirapinima na qual foi eleita como secretária. Posteriormente assumiu outros cargos, inclusive como tesoureira e na direção de artes, coordenadora do Muirapinima Mirim. No decorrer dos anos passou a integrar a Comissão organizadora do Festival Folclórico das Tribos de Juruti, desde o ano 2000, composta pelo poder público e as associações das tribos, que são responsáveis pelo Festival, por mais de 15 anos, atualmente é chamada de COEJ (Comissão de escolha dos Jurados). E foi integrante da Diretoria da Tribo Muirapinima até 2016. Em 2017 assumiu o cargo de Secretária Municipal de Cultura, Desporto e Turismo, onde desenvolveu políticas e projetos, como: Implantação do Sistema Municipal de Cultura; Implantação da Política de Turismo; Inventário Turístico Municipal, dentre outros. Defendeu a criação da Lei de 1.122 de 31/10/17 que cria o Sistema Municipal de Cultura, e incluiu a coordenação do Festival, que antes era coordenada por uma coordenação da Prefeitura Municipal de Juruti, instituída por decreto. Portanto, coordenou o Festival durante quatro anos, ocasião que houve a inclusão do evento como produto turístico, organização da cidade para receber os visitantes, como Projeto Cidade Tribal e caminho das Tribos. Atualmente é mestrandia pelo Programa de Pós Graduação em Sociedade, Ambiente e Qualidade de vida na Universidade Federal do Oeste do Pará. E também é escritora e pesquisadora sobre a história do município de Juruti para desenvolver em seus projetos.

2. Outro modelo de entrevista utilizado neste trabalho foram as entrevistas não estruturadas e não gravadas que ocorreram durante conversas informais com um grupo de pessoas que participam ou participaram ativamente do Festival desde a infância, dentre estes: Andreysse Vieira, backing vocal da Tribo Muirapinima (22 anos); Giovanni Cabrini, fotógrafo e neto de Sebastiana Picanço, uma das fundadoras da Tribo Muirapinima (26 anos); Iago Ferreira, ex dançarino da Tribo Munduruku, atualmente aderecista e membro da Comissão de itens da Tribo Muirapinima (26 anos); Thayler Batista, coreógrafo e dançarino da Tribo Munduruku (25 anos); e Sofia Amazonas, Porta Estandarte da Tribo Muirapinima. Essas entrevistas ocorreram ao longo do desenvolvimento desta pesquisa, na maioria das vezes foram conversas oportunistas e circunstanciais. As fontes foram consultadas em caso de dúvida ou interesse em algumas informações pontuais. A entrevista foi direcionada com perguntas específicas às fontes que forneceram dados essenciais ao trabalho que vieram para complementar as informações fornecidas pela fonte principal e pela bibliografia, tais como datas, letras de músicas, e descrição

do contexto de apresentações. Todos os entrevistados estavam cientes que as informações fornecidas seriam utilizadas na composição deste trabalho.

Algumas perguntas feitas à fonte principal foram:

- *Como era o Festival Folclórico de Juruti?*
- *Como se tornou o Festival?*
- *Como escolheram os nomes das associações?*
- *Quais as influências do Festival de Parintins?*

Algumas perguntas feitas às fontes secundárias foram:

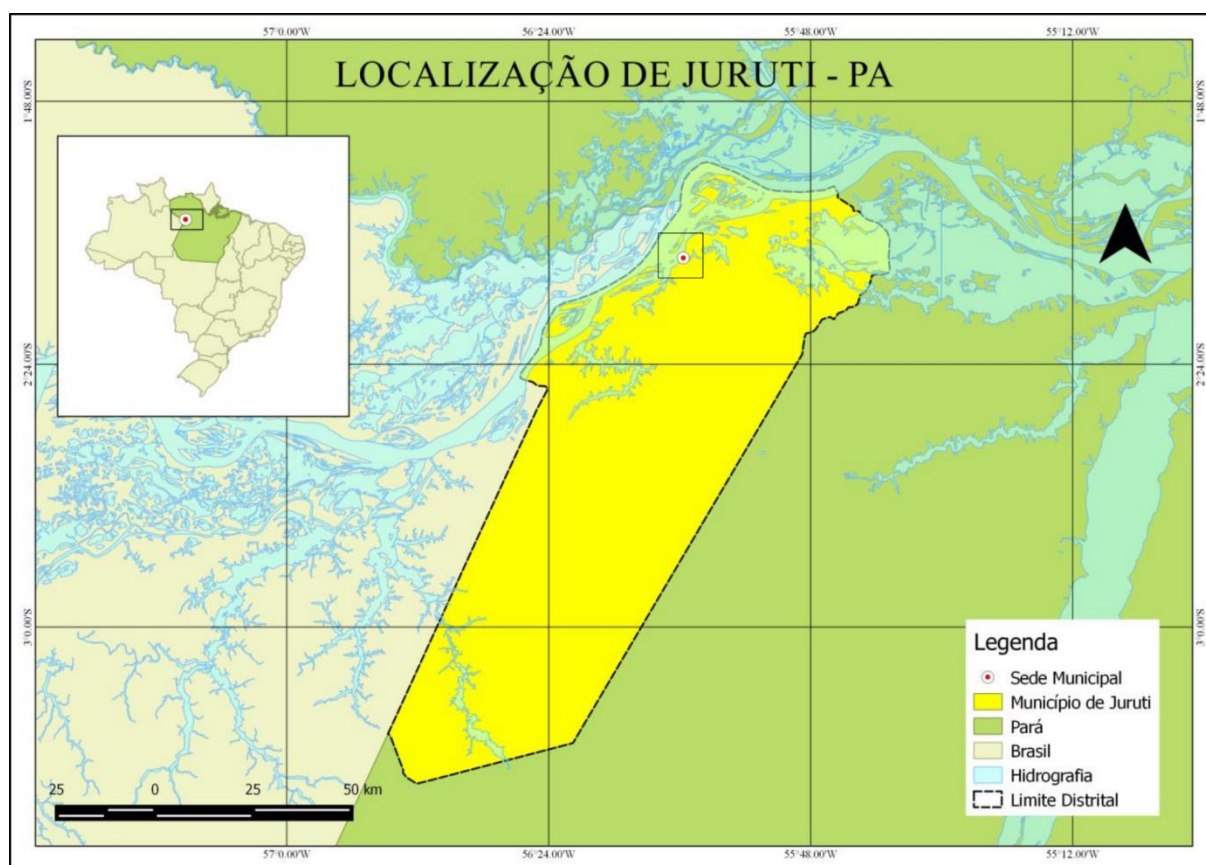
- *Qual foi o tema de determinado ano de determinada tribo?*
- *Quais músicas falam sobre rituais?*
- *Qual é o nome de determinada música?*
- *Existe remuneração pelos serviços prestados?*

## 4. RESULTADOS

### 4.1. Juruti, terra de encantos e magias

A cidade de Juruti está localizada na margem direita do rio Amazonas, na fronteira do estado do Pará com o estado do Amazonas (Figura 5). De acordo com os dados do IBGE (2021), sua população está estimada em aproximadamente 59 mil habitantes, e sua principal fonte de renda é a mineração.

Figura 5: Localização de Juruti.



Fonte: SOUZA & FILHO, 2018.

### 4.2. Histórico da cidade de Juruti

De acordo com o livro *Memórias de Rua: As vivências e as visagens históricas de Juruti* (2016), os primeiros registros conhecidos sobre o território, que corresponde hoje ao município de Juruti, foram realizados em 1768, no período pombalino pela Comissão Demarcadora de Limites, onde José Monteiro de Noronha descreve a localidade do sítio Maracauçu-Tapera,

que o etnohistoriador Antônio Porro (2006:81) citou como sendo a localidade hoje condizente à ilha de Maracaçu em frente à cidade de Juruti. Há também uma representação cartográfica feita durante uma viagem por José Joaquim Vitório da Costa (18-?) onde está assinalado a localidade por nome de Caracú assú (Panachuk, Melo e Munhoz, 2016) que indica a região do município (Figura 6). Portanto, de acordo com Panachuk, Melo e Munhoz (2016, p.32): “é importante perceber que Maracauçu-Tapera era então limite entre duas capitanias, Santa maria do Grão Pará e São José do Rio Negro; Juruti é um dos municípios limites entre os atuais estados do Pará e Amazonas.”

Figura 6: Detalhe de carta de José Joaquim Vitório da Costa.



Fonte: Panachuk, Melo e Munhoz, 2016.

Ainda de acordo com informações obtidas por Panachuk, Melo e Munhoz (2016), a região foi primeiramente ocupada pelos Munduruku, por volta de 1775, quando houve uma revolta por parte destes que na ocasião estavam se deslocando para o leste do rio Madeira. Em 1818, os Munduruku ali presentes foram aldeados pela missão Juruty, sob a circunscrição da paróquia de Nossa Senhora da Saúde, no Lago Juruti, que hoje é conhecido como Juruti Velho (ver figura 7) ou Vila Muirapinima, pela administração do Padre Manoel Sanches de Brito, uma figura histórica muito lembrada, inclusive no hino do município de Juruti (Anexo B).



Pereira (2009) relata que havia um intenso conflito entre indígenas das etnias Munduruku e Mura por volta de 1800. Os indígenas da etnia Mura não se aliavam aos brancos e estavam bastante dispersos pela região devido aos conflitos com os Munduruku e os colonos; há relato que estes habitavam a ilha Tupinambarana (região que hoje corresponde ao município de Parintins- Am, que faz divisa com Juruti-Pa) juntamente com os Munduruku e Maués (BATES, 1944).

Figura 7: Localização de Juruti Velho em relação à sede do município.



Fonte: Google Earth, 2023.

No ano de 1832, a aldeia foi elevada à categoria de freguesia; no ano seguinte, em 1833, sua jurisdição passou a pertencer a Faro, e em 1847, ambas foram integradas à Vila de Óbidos. Com a decadência da Freguesia de Nossa Senhora da Saúde, em 1859, sua sede foi realocada para a margem direita do Rio Amazonas, através de lei provincial. Em 1879, a lei n.º 930 oficializou o povoado como escala na rota de navegação a vapor. Em decorrência da prosperidade e do aumento da população, em 1883, a vila foi elevada à categoria de município (IBGE, 2010, PANACHUK, MELO E MUNHOZ, 2016). Por questões de conflitos políticos com o governo do estado, num contexto do início da república, o município foi extinto, pela lei n.º 729 de 1900, desta forma o território foi dividido e incorporado aos territórios de Faro e Óbidos.

Então, a partir de 1930, o 1º Delegado Territorial de Juruti e interventor do estado do Pará, Américo Pereira Lima, que lutava pelos interesses dos jurutienses e a emancipação do seu território, mobilizou os moradores da sede para que melhorassem suas choupanas que eram de madeira ou palha, substituindo por reboco e telhas de barro. E deliberou a ampliação de vias, visando a urbanização da cidade. Feito isto, solicitou a vistoria de técnicos do estado para comprovar que a sede já estaria desenvolvida para voltar a condição de município. Tais disposições se confirmaram em 1935 com o Decreto estadual nº 08, de 31 de outubro (Ariadne Lima, comunicação pessoal, 2023). Mas somente em 1938, através da Lei-Decreto Estadual de 31 de março foi delimitado o território que atualmente corresponde ao município de Juruti (IBGE 2023). Américo Pereira Lima, também intercedeu para que Juruti não fizesse parte do estado do Amazonas, o que era bastante debatido na época (Ariadne Lima, comunicação pessoal, 2023).

Durante o século XX a cidade teve como renda econômica a extração e exportação do óleo de pau-rosa, de Juta, e a criação de gado (PANACHUK, MELO E MUNHOZ, 2016). Também é importante ressaltar que, por muito tempo, a região de Juruti foi o “quintal” de Óbidos, especialmente as regiões do Paraná da Dona Rosa e Lago do Curumucuri, onde os grandes latifundiários e as famílias “tradicionais” de Óbidos tinham posse de abundantes extensões territoriais. Já no século XXI, o município teve um crescimento exponencial, tanto em aspectos econômicos, quanto demográficos, entre outras mudanças, ocasionadas pela chegada da exploração do minério na região. A empresa de mineração atuando desde o começo dos anos 2000 em Juruti, *Aluminum Company of America (Alcoa)*, líder no setor mundial de alumínio, extrai bauxita de uma mina com a reserva potencial de mais de 700 milhões de toneladas de minério. É importante registrar que a instalação da atividade mineradora no município, não ocorreu de forma passiva, é interessante notar que a insatisfação se deu por parte da população que vive na região onde nasceu Juruti, no Lago do Juruti Velho, devido aos impactos ambientais como assoreamento de igarapés e, principalmente, pelo fato da barragem de resíduos estar situada a poucos quilômetros da Vila Muirapinima; efeitos que alteram profundamente a dinâmica da vivência amazônica/ribeirinha. Como afirma Silva e Silva (2016): “...a cidade de Juruti tem sua história muito diferente de cidades mineradoras como Canaã dos Carajás e Parauapebas, pois seu passado não está ligado à mineração como no caso das duas cidades citadas, nem surgiu em função do grande projeto”. Os autores fazem uma análise sobre a organização econômica do território de Juruti a partir da instalação de um grande projeto minerador e o impacto causado numa cidade ribeirinha, e destacam as

subjetividades e diversidades do território amazônico, que não se adequam ao modelo de exploração desordenada, principalmente em uma cidade que não cresceu em função disto. Mas é também neste contexto da exploração mineral que surgiu a oportunidade de se intensificar as pesquisas arqueológicas no território jurutiense, que se deu em função da legislação relacionada aos Estudos de Impacto Ambiental.

### **4.3. Histórico de Pesquisas Arqueológicas em Juruti**

A região onde o município de Juruti está inserido já foi bastante investigada no âmbito da arqueologia, com estudos significativos para entender o processo de ocupação das antigas populações nesta parte da Amazônia, pelo menos desde o século XIX a região já era mencionada (HARTT, 1885; BARBOSA RODRIGUES 1875; NIMUENDAJU, 2004; CARVAJAL, 1941; HERIART, 1874; HILBERT, 1955)

Mais especificamente em Juruti, um ídolo de pedra coletado por Manoel Francisco Machado, na região do Lago Salé, foi o primeiro artefato a ser identificado, e em 1902 foi comunicado no jornal do Comercio e divulgado em 1904 no 14º Congresso de Americanistas na Alemanha, por Emílio Goeldi. Na passagem de Nimuendaju, a serviço do Museu Etnográfico de Gotemburgo, entre 1923 e 1926, foi constatado oito sítios arqueológicos em Juruti, localizados no Lago grande, Serra do Bananal, Serra do Curupira, Lago do Curumucuri, e Lago do Jará, Maracaçu e Serra do Balaio e no limite entre os municípios de Juruti e Parintins, e ainda foi identificado o estilo cerâmico Konduri presente nesses sítios. Peter Hilbert, durante a década de 50, iniciou uma pesquisa através do Museu Paraense Emílio Goeldi, na qual fez uma sistematização de dados do levantamento de 41 sítios, além de classificar o estilo cerâmico em três: Santarém- Konduri, Santarém e Konduri, seguindo a mesma classificação denominada por Nimuendaju como Konduri, e a chamada por ele Santarém. Nesta pesquisa, ele mencionou os sítios de terra preta no Lago do Juruti Velho e Lado de Juruti Mirim, com a presença de cerâmica Konduri.

Num período mais recente, com o advento da mineração no município, houve a demanda de um estudo de arqueologia mais aprofundado através da lei e portarias do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional que asseguram a preservação do patrimônio arqueológico. As pesquisas realizadas pela empresa Scientia Consultoria Científica iniciaram em 2002, com um estudo preliminar de impacto ambiental publicado em 2003, onde foram identificados cerca de 53 sítios arqueológicos e 17 ocorrências. A partir deste estudo, uma equipe do Museu Paraense Emílio Goeldi realizou prospecções que identificaram os sítios arqueológicos Terra Preta 1 e Terra Preta 2 na área do Porto da empresa Alcoa, onde se

concentrou grande parte das pesquisas nos anos seguintes. Após a descoberta desses sítios, foi solicitado um trabalho de resgate dos sítios presentes na área de impacto da mineração, realizado em 2006, pois as obras previstas causariam grandes e permanentes impactos. No relatório final, publicado em 2008, consta a pesquisa arqueológica e análises produzidas em laboratório, e nele também consta que os autores acreditam que os sítios se encontram numa área de confluência cerâmica, havendo, portanto, a coexistência de diferentes estilos cerâmicos (CALDARELLI, 2008). Em publicação mais recente, Panachuk (2016) afirma que foi possível ver as relações entre as fases<sup>3</sup> Pocó e Konduri (Figura 8) que ocorrem sem que haja um grande espaço tempo do material. Para que se chegasse a essas conclusões houve um estudo mais aprofundado do material encontrado nas escavações, como o material lítico, cerâmico, e análise química do solo.

Além do relatório, a parceria entre a Alcoa e a Scientia Consultoria Científica, resultou em mais três publicações relacionadas à educação patrimonial promovidos na cidade, visto que este foi o trabalho de arqueologia mais extenso realizado no município (Panachuk, 2016). Embora haja uma breve menção à ocupação dos Munduruku em Juruti nestas pesquisas, não há uma ligação entre eles e a cultura material estudada, e não há qualquer menção sobre os Muirapinima e sua história.

Figura 8: Materiais arqueológicos encontrados em Juruti. Vaso Pocó (à esquerda) e fragmentos de cerâmica Konduri (à direita).



Fonte: Panachuk, 2016.

<sup>3</sup> De acordo com Almeida (2013, p.25) as definições de fase e tradição podem ser: “-Fases: conjunto de atributos recorrentes em uma área restrita (e. g um trecho de um rio), em um período que é determinado pela manutenção de uma coerência politética nos elementos estudados. Assim, o presente uso de fase possui um caráter mais espacial (o tamanho e a quantidade de sítios relacionados encontrados em uma área) do que temporal, ainda que o último seja fundamental. Não se restringe a um único coletivo ou grupo étnico. -Tradição: referente a estilos (incluindo técnicas) politéticos com persistência temporal e abrangência espacial. Um conjunto de fases distribuídas por áreas vastas e com grande amplitude cronológica.”



#### 4.4. Histórico do Festribal

O Festribal é um evento folclórico de ampla participação popular que pauta a cultura indígena como o elemento principal, expressando-a de forma artística (teatro, dança, artes plásticas, artesanato, música e outros). O que será relatado sobre o contexto histórico do Festribal, teve como referências as memórias de minha mãe, suas pesquisas e vivências que exaustivamente consultei através de entrevistas, além de alguns documentos do seu acervo pessoal que estarão em anexo.

Seguindo um padrão de cidades que foram colonizadas por europeus e missões religiosas às margens dos rios na Amazônia, Juruti têm em sua maioria uma população tradicionalmente católica que, numa típica herança cultural e religiosa da colonização, dedica uma vez por ano uma festa a sua santa padroeira que, em Juruti, é a Nossa Senhora da Saúde.

Segundo Dias (2014, p. 14 e 15):

A utilização da dança nas suas mais variadas formas foi adotada pelos jesuítas como um recurso pedagógico no exercício da catequese junto aos nativos. O uso desse recurso assim como do teatro, do canto e da música sempre fez parte dos ensinamentos da Companhia de Jesus, desde os primeiros contatos com os índios no Brasil. A estratégia era aproximar os ensinamentos cristãos às festas e rituais indígenas o que na visão dos religiosos facilitaria o processo de aprendizagem dos preceitos religiosos e educativos.

É comum que as pessoas mais idosas da cidade relatem com saudosismo as célebres festas da padroeira, que ocorriam durante o mês de julho, como o maior evento festivo de Juruti; durante esse evento, a cidade recebia marreteiros<sup>4</sup>, a população do interior, e cidades vizinhas, entre outros consideráveis acontecimentos para uma cidade pacata. Nos anos 1980, surgiu o Festival Folclórico de Juruti, um evento que agregava entretenimento às festividades santas, no qual grupos de danças da cidade e do interior eram atraídos pelas competições entre grupos folclóricos que eram premiadas. Além da tradicional quadrilha, haviam danças como bumba-meu-boi, cordões de pássaros, carimbó, e o grupo mais conhecido era o grupo “Mistura Paraense” (Anexo C). Em 04 de julho de 1993, um grupo criado pela professora Carmen Barroso, por Adercias Batista e por Jim Jones Batista, chamou a atenção. Os idealizadores trouxeram a proposta de uma apresentação que pudesse resgatar a cultura indígena que, naquele tempo, em uma cidade no interior da Amazônia, havia sido forçada ao esquecimento pela colonização. Para dar a identidade e um nome a este grupo foi pensado um nome condizente, e na ocasião nasceu o grupo folclórico Tribo Munduruku. O nome Munduruku foi a ação exordial para alcançar o objetivo de fazer reviver a cultura e identidade indígena entre a população, pois o povo Munduruku integra diretamente a linhagem dos antepassados jurutienses (Anexo D). A

---

<sup>4</sup> Vendedores ambulantes.

apresentação do grupo consistiu em representar através de danças, indumentárias, fantasias e músicas, uma performance da cultura indígena. Ainda no ano de 1993, o grupo “Mistura Paraense”, passou a se chamar “Ou-vai-ou-racha”, e em suas apresentações abordavam diferentes temáticas em suas apresentações, como danças árabes, carimbó e etc. (comm. pessoal, Ariadne Lima). Ambos empataram pois apresentavam categorias<sup>5</sup> diferentes, e o mesmo ocorreu no ano seguinte (Anexo C).

Em 17 de junho de 1995 a escola Deputado Américo Pereira Lima promoveu um arraial para angariar recursos para a construção do piso das salas de aulas, e neste evento as professoras Sebastiana Picanço e Aurecília Andrade coordenaram a apresentação do grupo folclórico Tribo Muirapinima, criado através de um trabalho da disciplina redação e Expressão (Anexo C, E e F). Porém há um registro em que menciona a primeira apresentação do grupo em 1992 (Anexo E). O nome do grupo foi inspirado no nome da Vila Muirapinima, a antiga sede do município de Juruti, onde viviam seus primeiros habitantes conhecidos pelo mesmo nome. Um povo cuja memória só conseguiu resistir através da oralidade, e foi assim que uma equipe se deslocou ao local para se aprofundar sobre sua história, obteve informações mais elaboradas. Segundo as pesquisas, os Muirapinima eram um povo de pele clara ou branca, outros trigueiros, cabelos cor de fogo ou loiro, com sardas que permaneceram na região até 1850 quando houve a chegada do povo Y’uriti e da exploração dos colonizadores europeus. Com isso, se deslocaram para Urupadi, em Maués-Amazonas, e posteriormente para a Bolívia. Outros migraram para o Rio Catueré, afluente do Rio Mamuru. “Tais informações nos foram dadas pelos senhores Manduquinha, descendente da tribo Jurupixuna, e José Avelino Mateus nascido em 26.02.1901 descendente da tribo Arará que chegou à região com 17 anos, o qual casou-se com descendente Muirapinima” (Anexo F).

Há ainda outra narrativa bastante difundida entre os jurutienses sobre como surgiu a rivalidade entre Mundurucus e Muirapinima: “O nascimento de um curumim com traços diferentes (mais claro e cabelo avermelhado) na aldeia Munduruku não foi bem aceito. A família do curumim se rebelou contra o cacique Munduruku e junto com mais alguns índios se refugiou às margens do Lago do Juruti-Velho, onde havia um bosque de Muirapinimas, árvore cuja madeira de lei era utilizada para a fabricação de móveis no período colonial. Em

---

<sup>5</sup> No Festival Folclórico de Juruti, os grupos se apresentavam por categorias, por exemplo, os grupos de carimbó competiam entre si. Porém, o Grupo Ou vai Ou racha e o grupo folclórico Tribo Munduruku não se encaixavam em nenhuma das categorias por esse motivo competiam entre eles (comm. pessoal, Ariadne Lima).

homenagem à árvore, a Tribo dissidente se auto-denominou Muirapinima e passou a ser inimiga da sua antiga Tribo Munduruku.” (CÂMARA MUNICIPAL DE JURUTI, 2023).<sup>6</sup>

Há quem acredite que os Muirapinima sejam oriundos da etnia Mura (Ariadne Lima, comunicação pessoal, 2023) que eram rivais dos Munduruku, visto que há relatos de sua presença em regiões próximas (BATES, 1944). Além disso, Ariadne Lima relata que era recorrente durante sua infância usar “Mura” como termo pejorativo, para se referir a uma pessoa tímida, vergonhosa ou antissocial, o que pode estar relacionado aos relatos de que os Mura eram hostis com os brancos (BATES, 1944).

Ainda em 1995, a comissão do Festival Folclórico convidou o grupo para se apresentar em sua 10ª edição, no dia 27 de julho, competindo com o grupo Folclórico Tribo Munduruku. A competição das “tribos” foi tão acirrada que o festival passou a acontecer em 03 noites onde os demais grupos folclóricos se apresentavam nas duas primeiras noites, e na terceira noite a disputa era entre Munduruku e Muirapinimas. O “Ou vai Ou Racha” passou a se apresentar a título de participação especial.

Em 1998, foi formalizado a criação das duas associações folclóricas Tribo Munduruku e Tribo Muirapinima. Há um registro de 1999 intitulado “Narrativa sobre as noites do festival” (Anexo G), cujo o título já é autoexplicativo, em que menciona nomes de outros grupos que se apresentaram no Festival Folclórico, como “O Ritmo de Carimbó” e “Compasso do Carimbó” que eram danças santarenas, a quadrilha “pimpolhos da roça”, e também o grupo “Toma-lá-dá-cá” que apresentou a dança originária de Tefé-Am “Ciranda”.

Segundo Ariadne Lima, muitos integrantes do grupo Ou-vai-ou-racha passaram a integrar a Tribo Muirapinima que inicialmente era formada pelos alunos da escola Deputado Américo Pereira Lima, e este fato comumente se confunde numa história muito narrada pelos jurutienses em que o grupo Ou-vai-ou-racha se tornou a Tribo Muirapinima.

Com o passar dos anos, a disputa entre as tribos foi ofuscando os outros grupos que se apresentavam no festival e, como consequência, no ano 2000, o espetáculo que abrangia diferentes competições, se tornou exclusivamente um grande duelo. Por esse motivo o festival consolidado hoje, é na verdade uma ramificação do Festival do Folclórico de Juruti<sup>7</sup>. Na construção de um novo formato do festival, foram agregadas muitas influências do festival já

---

<sup>6</sup> Nota de curiosidade: essa história se reflete atualmente no nome dos grupos musicais das associações folclóricas, que concorrem ao item de julgamento “Regional”. O grupo da Tribo Muirapinima é chamado de “Regional Filhos da Terra” e o grupo da Tribo Munduruku é chamado de “Regional Donos da Terra”.

<sup>7</sup> O Festival Folclórico de Juruti deixou de dispor de competições de outros grupos para dar espaço para o duelo das tribos.

consolidado da cidade vizinha, o Festival de Parintins<sup>8</sup> (Parintins-AM). Os dois grupos escolheram as cores que se tornaram o seu maior símbolo. E, assim como em Parintins, as cores se tornaram tão significativas que passaram a ser a identidade dos dois grupos. A Tribo Munduruku escolheu as cores vermelho e amarelo, e a Tribo Muirapinima, vermelho e azul (Figuras 9 e 10). Não há uma justificativa para a escolha das cores, mas elas já haviam sido definidas desde 1998, pois segundo relatos isso foi necessário devido a demanda de confecção de bandeiras com cores diferentes que distinguiam os torcedores (comunicação pessoal Ariadne Lima). As referências artísticas advindas do Festival de Parintins também se deram nas expressões da dança, das alegorias e das indumentárias, e moldou os critérios de avaliação na apresentação dos grupos, e os mesmos itens de julgamento. Havia itens avaliados em conjunto como a harmonia, coreografias e etc., itens individuais, como por exemplo: o Pajé, que é um personagem memorável, o curandeiro do seu povo; e a Porta-Estandarte, a figura que carrega um pavilhão com as cores da sua “nação”. Ariadne Lima destaca a ocasião em que surgiram torcedores fiéis das tribos: nasceram a partir dos itens individuais, pois havia o intenso envolvimento das famílias e amigos, que conseqüentemente iriam torcer para a agremiação na qual aquele item (é assim que é chamado em Juruti a pessoa por detrás do item) se apresentava. Portanto, foi crescendo um elo entre as agremiações e seus torcedores.

Figura 9: Arquibancada da Tribo Mundurukus nas cores vermelha e amarela.



Fonte: Frank Wallace, 2011.

Figura 10: Arquibancada da Tribo Muirapinima das cores azul e vermelho.



Fonte: Frank Wallace, 2009.

Com o passar dos anos, na tentativa de se particularizar, destacar a identidade indígena e se desvincular das semelhanças do Festival de Parintins, os autênticos artistas jurutienses criaram a comissão do festival que modificou, por exemplo, o nome de itens individuais e

<sup>8</sup> O Complexo Cultural do Boi Bumbá do Médio Amazonas e Parintins é uma manifestação cultural de caráter festivo, que tem a figura do Boi como seu elemento principal e envolve uma série de danças, músicas, drama e enredo. (IPHAN, 2019) <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4887>

coletivos, as *toadas* que são as músicas tradicionalmente de bumbás, ganharam o nome de *cantos indígenas*, num empenho de incorporar a eles instrumentos indígenas como tambores e flautas (comunicação pessoal Ariadne Lima).

Em 2005, Juruti se encontrava num cenário atípico para uma cidade do interior, num clima agitado onde o município recebia pessoas de todo o Brasil. A expansão da mineração na região tinha chegado. A esta altura o governo municipal, recebendo mais recursos, decidiu levar o duelo a outro patamar: a prefeitura assumiu a infraestrutura do festival e investiu financeiramente através de fomentos culturais e convênios. A *Aluminum Company of America (Alcoa)* que era, e ainda é, a empresa responsável pela mineração de bauxita na cidade, também dispôs pequenos apoios. A partir de então, o Festival Folclórico de Juruti passou a se chamar Festival Folclórico das Tribos Indígenas de Juruti. Então, numa investida de encurtar o novo nome, ele se tornou o Festrival, seu nome mais conhecido.

Em 2009, com o crescimento contínuo e a grande repercussão fora do cenário municipal, a demanda exigia que o festival subisse mais um patamar, e dessa vez a intervenção veio por meio do Governo do Estado do Pará. Não só foram investidos mais recursos, como também, o Festrival foi aclamado como Patrimônio Cultural do Pará pela Lei Estadual nº 7.112, de 19 de março de 2008, além disso, foi declarado e reconhecido como Patrimônio Cultural do Município de Juruti pela Lei Municipal nº 1.010/2011, de 23 de setembro de 2011. Dessa forma, o governo realizou estudos que projetaram o município como produtor turístico (de acordo com o inventário promovido pela Actio engenharia turística em 2014). Desde então, a festa passou a ser reconhecida também como parte do desenvolvimento econômico da cidade.

Atualmente, o Festrival é consolidado da seguinte forma: consiste na disputa de representações artísticas entre duas associações folclóricas denominadas Tribo Munduruku e Tribo Muirapinima que, a partir de uma temática dentro da cultura indígena (ver a tabela abaixo para os temas apresentados ano a ano), previamente elaborada, realizam suas apresentações numa competição assistida presencialmente por aproximadamente 10 mil pessoas, quantitativo permitido no Tribódromo (espaço onde acontece a disputa das tribos) (Figuras 11, 12 e 13). A apresentação é avaliada no espetáculo individual (de uma só associação por vez) que comporta os 16 itens de julgamento, num período de duas a três horas, por um corpo de jurados, criteriosamente escolhidos em instituições externas à região norte. Os ensaios e os lançamentos dos temas e dos cantos acontecem ao longo do ano em seus respectivos galpões, Aldeia Muirapinima e Universo Munduruku (Figura 13). O Festrival ocorre todos os anos no mês de julho, em três noites: na primeira a Festa dos Visitantes, uma noite de shows com atrações

diversas; na segunda, um momento idealizado para a apresentação das Tribos Mirins; E na terceira, a competição das duas tribos. O envolvimento dos moradores da cidade acontece intensamente de forma direta ou indireta na construção do espetáculo, seja como mão de obra, idealizador, elenco, torcedor ou apenas espectador. Por isso o Festribal é considerado pela população como o seu maior patrimônio cultural.

Figura 11: Tribódromo.



Fonte: Prefeitura de Juruti, 2019

Figura 12: Arena do Tribódromo durante espetáculo.



Fonte: Roberto Santos, 2019.





	e Lendas	
2004	Mundurukus, Índios da Amazônia	Canto, Crenças e Danças Tribais
2005	Amazônia Coyvy Ore Retama	Mitologia Indígena
2006	Tributo Indígena	Amazônia Mundo de Todas as Tribos
2007	Folclore Amazônico	Celebração Indígena
2008	Amazônia Eterna	A Amazônia Não Pode Esperar!
2009	Amazônia Terra Mãe	Amazônia Sagrada: Ihé-Uru Airu
2010	Pajelança	Nosso Amor
2011	Sabedoria Indígena	Ancestralidade
2012	19 anos de muita emoção	Misticismo
2013	O mundo das encantarias	Crença Indígena
2014	Munduruku Celebra	Cosmogonia
2015	Rituais	Ensinaça Ancestral
2016	Mitos	Espíritos
2017	Mistério dos Pajés	Mística da Vida
2018	Amazônia: Dos Cacicados à Profecia das Savanas	Amazônia Sateré Mawé
2019	Brasil, não silenciarás Nosso Canto Ancestral	Legado Indígena
2020	Não houve festival – Pandemia	Não houve festival - Pandemia
2021	Não houve festival – Pandemia	Não houve festival - Pandemia
2022	Povos Originários	Liberdade
2023	Povos Indígenas: Guardiões do território ancestral	Terra indígena: Nossos pés, nossas raízes

Fonte: Elaboração da autora, 2023.



## **5. DISCUSSÃO**

### **5.1. Da Amazônia, és recanto altaneiro. Diz teu nome a nobreza Tupi**

Durante a construção do espetáculo ao longo do ano, a comissão de artes de ambas as associações, fazem intensos estudos para desenvolver os temas que serão apresentados na arena. Entre os critérios a serem levado em consideração, o regulamento do Festival dispõe de 16 itens que são avaliados por 4 jurados, que julgam atribuindo notas (Anexo A). Os itens são:

1. Apresentador
2. Porta Estandarte
3. Guardiã Tribal
4. Tuxaua
5. Índia Guerreira
6. Pajé
7. Canto indígena- Letra e música
8. Regional
9. Evolução
10. Ritual Indígena
11. Alegoria
12. Tribo Originalidade
13. Tribo Coreografada
14. Originalidade em conjunto
15. Harmonia
16. Galera

Estudos etnográficos e etno-históricos são indispensáveis para compor a narrativa. Portanto são feitas pesquisas sobre rituais e acontecimentos históricos relatando sobre a história indígena, que são representados na dança, na cênica, nas indumentárias, nas músicas e nas alegorias. Eventualmente é comum notar alguns elementos estudados pela arqueologia. Ainda há o preparo para todos os integrantes que compõem o espetáculo; é repassado para eles o que irão representar, como a história que eles irão desempenhar ou quem serão, entre outros simbolismos dentro da cultura indígena (Sofia Amazonas; Thayler Batista; Iago Ferreira. Comunicação pessoal, 2023). Para ilustrar, há alguns bons exemplos das apresentações mais recentes.

Em 2019, foi apresentado pela Tribo Muirapinima a cênica que dava a introdução para a performance do item "Índia Guerreira" (ver figuras 14 e 15), sobre a nação de mulheres guerreiras Amazonas ou Icamiabas, que tinham como rainha Conori, e eram detentoras de itens de ouro e prata, as quais andavam nuas apenas com seus arcos e flechas e não possuíam um dos seios, estas mulheres foram descritas primeiramente na literatura pelo Frei Gaspar de Carvajal, ao acompanhar a viagem de Francisco de Orellana em 1542 (CARVAJAL, ROJAS e ACUÑA, 1941).

Figura 14: Índia Guerreira representando Conori, a rainha das Icamiabas. Figura 15: Representação cênica das guerreiras Icamiabas.



Fonte: Wigder Frota, 2019.



Fonte: Prefeitura de Juruti, 2019.

No mesmo ano, a Tribo Muirapinima para concorrer ao item "Tribo originalidade", simulou o Kuarup, cerimônia realizada pelos povos do Alto Xingú, que reúne diversas aldeias, onde acontece uma homenagem aos falecidos num ato de simbólico de cortar e enfeitar um poste de madeira (CARNEIRO, 1993) (ver figuras abaixo).

Figura 16: Representação do ritual Kuarup.



Fonte: Wigder Frota, 2019

Figura 17: Representação do Kuarup na Indumentária do Tuxaua



Fonte: Prefeitura de Juruti, 2019

Ainda em 2019, a Tribo Munduruku trouxe para a arena o ritual antropofágico Tupinambá, contextualizando a apresentação do item "Tuxaua" que usava o manto Tupinambá os quais foram descritos por cronistas como Staden e Thevet (METRAUX, 1950) (ver figuras abaixo).

Figura 18: Apresentação do Tuxaua com indumentária representando o manto Tupinambá.



Fonte: Wigder Frota, 2019.

Figura 19: Ilustração em aquarela sobre pergaminho que mostra indígenas brasileiros, um deles está vestindo um manto Tupinambá



Fonte: BBC, 2018.

Figura 20: Representação do ritual antropofágico Tupinambá.



Fonte: Wigder Frota, 2019.

Concorrendo ao mesmo item, foi representado na indumentária do tuxaua da Tribo Munduruku (2015) as cabeças troféus chamadas Pariua-à, de acordo com Santos et. al (2007), as cabeças troféu possuíam grande valor simbólico e espiritual para os guerreiros dos povos Munduruku, os quais mumificavam a cabeça dos seus inimigos por um processo de defumação (Ver figura 21).



Figura 21: Detalhe das cabeças troféu na indumentária do Tuxaua da Tribo Munduruku.



Fonte: Frank Wallace, 2015.

Os grafismos das urnas marajoaras foram desenhados na fantasia dos dançarinos que concorriam ao item “Tribo coreografada” e as urnas foram representadas na indumentária do Tuxaua da Tribo Munduruku em 2018 (Figuras abaixo)

Figura 22: Detalhe do grafismo das urnas funerárias Marajoaras na fantasia dos dançarinos.



Fonte: Frank Wallace, 2019.

Figura 23: : Urnas marajoaras representadas na indumentária do tuxaua.



Fonte: Frank Wallace, 2019.

Um exemplo de letra de música é “Legado Bororo” que descreve elementos do ritual fúnebre realizado pelo povo Bororo, gravada pela Tribo Muirapinima em 2018, ano em que apresentou o tema “Legado Indígena” (ver a música completa no anexo H):

Ritual Bororo

Traz o corpo e eleva a alma

Tudo em canto, em dança

Tudo em canto, em dança

Vai pintar a caveira

Os ossos enfeitar

Pelas mãos do "pai ritual"

Ensino ancestral da terra

Vão cantar, em meio de choros pelo ar

É o lamento da "mãe ritual"

Espanta o mal

Tambores tocando para o funeral

Ê ah ê ah ê

Aroemayvú vai dançar

Ê ah ê ah ê

A fúria na mata

É Bope, é bote

(Paulinho Du Sagrado/ Gabriel Moraes)

Além de trazer referências sobre a cultura indígena para o público, o Festribal também é palco para o ativismo que apoia a causa dos povos originários, evidenciando personalidades e lideranças indígenas (Figuras 24 e 25), e pautas que refletem a atual situação que os povos indígenas enfrentam no Brasil.

Figura 24: Gilvana Borari atuando durante a apresentação da Tribo Munduruku.



Fonte: Frank Wallace, 2019.

Figura 25: Yaguarê Yamã Aripunãguá atuando na apresentação da Tribo Muirapinima.



Fonte: Prefeitura de Juruti, 2018.

Em uma alegoria abstrata (Figura 26), a Tribo Muirapinima buscou retratar o etnocídio indígena ocorrido após a chegada dos europeus no Brasil através de um navio formado por caveiras em 2019.



Figura 26: : Cênica que representa o momento em que o Kariwa (branco invasor) chega, causando desespero aos povos originários do Brasil.



Fonte: Prefeitura de Juruti, 2019.

Com panos vermelhos que representavam o Rio Tapajós sangrando, a Tribo Munduruku denuncia o garimpo ilegal na região, através da apresentação do item “Tribo coreografada”. Na música, Putcha-sí, a mãe natureza convoca as legiões de guardiões da natureza, para lutar contra os napês, garimpeiros invasores (Thayler Batista, comunicação pessoal, 2023) (Figuras 27 e 28).



Figura 27: Dançarinos vestidos de porcos do mato segurando batelas simbolizando os garimpeiros.



Fonte: Wigder Frota, 2022.

Figura 28: Putchá-sí, a mãe natureza, cercada por batelas.



Fonte: Wigder Frota.

## Guardiões da Natureza

### Putchá-sí

O leito do rio à sangrar

O leito do meu rio à sangrar

Napês invasores ão de pagar!

Convoco as legiões

Suplico às legiões

Ipupiaras, Curupiras, Caruanas

Paikicés, Guardiões

Legiões de criaturas a se amalgamar

Para proteger o nosso Tapajós

Das mãos sangrentas de napês

Destruidores do amanhã

Garimpeiros invasores

(Demetrius Haidos)

Em 2019, a Tribo Muirapinima, apresentou o tema “Legado Indígena”, que levou para a arena a importância de preservar o legado dos povos originários e defendeu o item “Canto indígena, letra e música” com a música “Canto de Preservação” com a seguinte letra:

Heia, heia

Guerreiros, guerreiros, guerreiros

Canto de Preservação!

Venham todos os guerreiros filhos do Brasil!

Muirapinima, Bororô, Kaxinauá hé, há, hé, há, hé

A vida que cuida da vida

Precisa sobreviver

Meu rio é minha terra sagrada não podem morrer

Venham todos os guerreiros filhos do sol

A floresta é de todas as tribos

Mãe nossa aldeia

Yawalapiti, mehinako, Jurunaety

Ao som dos tambores tribais

Vamos celebrar

Preservação, celebração

Herá, herá, herá, herá

Todo segredo guardado no seio da terra

A sabedoria ensinada pelos grandes pajés

Um sonho vivo no coração da floresta

A ignorância do homem não vai prosperar

A dança os ritos, a festa, a nossa cultura

As crenças costumes deixados pelos ancestrais

Sou índio, a resistência, sou filho da terra

Nossa missão nessa vida é preservar  
Canta, um canto de preservação  
As cores da nossa bandeira  
Tem a força da resistência indígena  
Nossa história é de luta é glórias  
Ensino deixados de gerações pra gerações  
Legado de nossos ancestrais  
(Paulinho Du Sagrado)

Em 2023, visto que a tese do marco temporal, no momento, é discutida no congresso nacional, e propõe alterar a política de demarcação de terras indígenas no Brasil, ambas as associações escolheram temas que destacam a relação dos povos indígenas com seus territórios (Ver tabela 01).

Esses exemplos mostram como há um dinamismo na cultura, que busca se adequar às pautas relevantes para o momento, e que também se reflete em como as pessoas se identificam com os elementos presentes no Festibal. Dessa forma, assim como nos anos anteriores, os temas vão se adaptando (Ver tabela 01). Ademais, em decorrência disso, há uma discussão sobre a alteração do termo “tribo” no regulamento do Festibal, pois o termo designa um estereótipo negativo aos povos indígenas. Vale ressaltar ainda, que o termo “tribo”, na época em que surgiu as associações folclóricas e durante a consolidação do festival, ainda não era um termo amplamente discutido como hoje em dia. Além disso, durante o processo de construção das apresentações que serão levadas ao tribódromo, há um cuidado de não reproduzir estereótipos pejorativos aos povos indígenas; portanto, é possível perceber a consciência entre todos que fazem o festival acontecer, de que a arte também é política.

Até o ano 2000, não havia entre a população jurutiense, pessoas tanto na área urbana quanto na área rural do município, povos indígenas ou pessoas que se autodeclaravam indígenas (Um dado que mudou devido a migração de um grupo da etnia sateré mawé, advindos do território de Parintins-Am por conflitos territoriais), mas parte da população hoje em dia se considera Munduruku ou Muirapinima, não como sua etnia, mas como sua identidade. O que torna o festival ainda mais interessante, pois ele despertou entre a população uma afeição à cultura ancestral. E é esse sentimento de pertencimento que mantém o Festibal e o faz crescer cada vez mais.

Figura 29: Portal para receber os visitantes na frente da cidade.



Fonte: Prefeitura de Juruti, 2019.

É evidente que, ao longo dos anos, o Festibal experimentou um amplo crescimento. E embora tenha crescido em função da demanda popular dos jurutienses, quando a exploração do minério se instalou na cidade, foi necessário ampliar ainda mais as dimensões do festival, que na ocasião passou a abranger um maior público, principalmente pelo crescimento da densidade populacional (Figura 29). Souza e Filho (2018, pg. 2) discorrem sobre as modificações ocorridas em Juruti com a chegada da Alcoa:

Com o deslocar desses indivíduos para Juruti que não detinha de infraestrutura para comportar tamanho contingente populacional, a cidade começou a sofrer alterações espaciais com reflexo na sociedade. Tais mudanças desarrumaram a organização vigente à fixação do empreendimento na localidade, ocasionando conflitos socioambientais e socioeconômicos tanto na cidade quanto em suas imediações.

Essa afirmação, também se reflete no contexto cultural, através do Festibal. Com o passar dos anos, o número de brincantes também aumentou, assim como as despesas e a estrutura da festa. Porém, as associações folclóricas ainda dependem em grande parte do apoio financeiro do poder público. Mesmo que haja uma contribuição financeira da mineradora através da Lei Rouanet (CARVALHO, 2018) o valor repassado corresponde a apenas 10% do valor total necessário para sua realização (comunicação pessoal, Ariadne Lima). Considerando que a empresa arrecada um grande percentual de lucro com a exploração dos recursos naturais da cidade, era de se esperar que houvesse uma contrapartida mais benéfica não só para festival,

como em toda funcionalidade no município, para amenizar o grande impacto que a atividade da mineradora já gerou e continua gerando na cidade, pois além disso, o município também atende aos operários da empresa que vêm de fora.

Por diversas vezes, a prefeitura de Juruti buscou fomentar o festival através de projetos voltados para o turismo. Ariadne Lima relata um episódio ocorrido no ano de 2003 em que uma equipe da comissão do Festribal se deslocou ao município de Oriximiná-PA para pedir incentivo às autoridades que estariam presentes na cidade, porém a resposta foi: “Enquanto vocês dançam, eu trabalho!”.

Esses dados são importantes para exemplificar sobre como o Festribal se mantém, mesmo sem o suporte necessário de atores externos, mas ainda assim gerando renda para a economia do município. É válido reiterar que os brincantes, os itens, a diretoria e mesmo alguns artistas das duas associações folclóricas, não recebem remuneração pelos seus serviços e horas despendidas em exaustivos ensaios e apresentações que decorrem ao longo do ano, e mais frequentemente, no mês de julho (Iago Ferreira; Tyler Batista; Sofia Amazonas, comunicação pessoal, 2023). E o título que as associações almejam conquistar é apenas simbólico, representado por um troféu. Não há valores monetários. É um trabalho dedicado apenas em função do que o Festribal, ou as tribos representam para as pessoas, sua história e sua identidade. E é através da dança, um dos elementos principais do festival, menosprezada pelas autoridades públicas, que se manifesta esse sentimento de pertencimento. Ailton Krenak (1992, p. 202 e 203) diz:

Algumas danças nossas, que algumas pessoas não entendem, talvez achem que a gente esteja pulando, somente reagindo a um ritmo da música, porque não sabem que todos esses gestos estão fundados num sentido imemorial, sagrado. Alguns desses movimentos, coreografias, se você prestar atenção, ele é o movimento que o peixe faz na piracema, ele é um movimento que um bando de araras faz, organizando o vôo, o movimento que o vento faz no espelho da água, girando e espalhando, ele é o movimento que o sol faz no céu, marcando sua jornada no firmamento e é também o caminho das estrelas, em cada uma das suas estações.

Assim, o dançar, o criar, e outras habilidades compõem o maior patrimônio da cultura jurutiense. Considerando o histórico, não é por menos, é um festival criado carinhosamente com riqueza de detalhes pela própria população; é algo maior que uma festa, é a auto afirmação da própria história do passado e de suas raízes. E toda essa concepção é introduzida no cotidiano das pessoas desde a infância. As duas associações desenvolvem projetos voltados para as crianças, que são chamados “escolinhas de artes”, que possibilitam ensinar todo o processo artístico e cultural a elas. São as Tribos Mirins, que inclusive têm uma noite dedicada a elas no



Festribal (Ver figuras 30 e 31). Assim há pessoas que cresceram dentro das tribos, e hoje exercem seu aprendizado, por ter uma conexão e se sentirem parte de tudo isso.

Figura 30: Apresentação da Tribo Munduruku Mirim.



Fonte: Wigder Frota, 2022.

Figura 31: Apresentação da Tribo Muirapinima Mirim.



Fonte: Wigder Frota, 2022.

Durante o mês de julho, é comum ver bandeiras hasteadas nas casas, com as cores que sutilmente indicam a identidade de quem mora ali (Figura 32). E mesmo quem assiste o festival, precisa escolher uma tribo para torcer, pois até a interação da galera com a apresentação, concorre ao item “Galera” (Figura 33), é como se fossem duas associações que dão às pessoas uma identidade, não indígena, mas de raízes indígenas. O próprio nome da cidade expressa essa afinidade: “Juruti é um topônimo de origem tupi que significa “colo firme” em alusão ao aspecto das aves leptotila (a qual fica com o pescoço tenso no momento de seu canto), espécie encontrada em grande quantidade no período da formação do município.” (Prefeitura Municipal de Juruti, 2023) Desse modo é cantado no hino do município (ver anexo B), o orgulho de seus rebentos:

Da Amazônia, és recanto altaneiro

Diz teu nome a nobreza Tupi

Tuas raízes de sangue brasileiro

És orgulho dos teus filhos Juruti!

Figura 32: Casas com bandeiras nas cores de suas tribos.



Fonte: Prefeitura de Juruti, 2019.

Figura 33: : Arquibancadas cobertas com as cores das bandeiras de suas respectivas torcidas interagindo com as apresentações. À esquerda: arquibancada da Tribo Munduruku; À direita: arquibancada da Tribo Muirapinima.



Fonte: Prefeitura de Juruti, 2019.

Se há a possibilidade da etnia Muirapinima ser oriunda da etnia Mura, a rivalidade entre os Mura e os Munduruku ainda se reflete nos dias de hoje, quando famílias e amigos criam desavenças por se sentirem pertencentes ao que se auto denominam, reforçando essa memória e essa identidade. (Anexo C)

E neste ponto, a arqueologia entra em cena: A criação das duas associações folclóricas surgiu a partir do conhecimento dos relatos orais passados de geração em geração sobre as etnias (Munduruku e Muirapinima) que habitaram a região, deixando diversos sítios arqueológicos com vestígios materiais que seriam a comprovação desta narrativa sobre o passado. Ao longo dos anos, com a intensiva divulgação dessas referências, as duas etnias passaram a ser parte de um relato oficial sobre a história do passado de Juruti. Como herança da colonização, o preconceito étnico enraizado na população contribuiu por muito tempo com o esquecimento das populações indígenas que habitavam a região. Com o surgimento do Festribal e a ampla difusão da cultura indígena em forma artística no município, a população passou a conhecer, valorizar, celebrar e apropriar-se de suas raízes, e a perceber-se como parte

desse contexto cultural (Anexo C). A arqueologia não poderia deixar de fazer parte desta disseminação cultural, já que o festival é elaborado ano a ano pelas duas agremiações sob intensos estudos bibliográficos que dão anuência às narrativas comunicadas durante as suas apresentações para o corpo de jurados.

É difícil avaliar o impacto da educação patrimonial (fruto da mineração) feita no município. Mas é fácil notar que os jurutienses associam a cultura material arqueológica do município muito mais aos Munduruku e Muirapinima, do que a Konduri e a Pocó (cultura material identificada nas pesquisas). Portanto, é notável que o alcance de assuntos específicos como etno-história, etnografia e até mesmo arqueologia, que são do interesse da comunidade de juruti, são muito maiores quando retratados no Festribal, ademais existe o protagonismo do material arqueológico presente na região na construção do Festribal, visto que a população associa as etnias que são representadas no festival a este material. Então seria interessante de pensar em maneiras de divulgação dos trabalhos de arqueologia que tivessem conexão com Festribal, visto que este dialoga muito bem com a população.

Em concordância com Bezerra (2017, p. 14):

“...assim, podemos expandir este fenômeno chamado “arqueologia” para a compreensão de outras relações construídas pelas pessoas no presente com as coisas do passado. Podemos pensar em uma arqueologia da memória e do afeto das pessoas vivas na Amazônia, estabelecendo a configuração de um espaço de diálogo entre todos os envolvidos nos processos de explicar o mundo e permitindo que nossas histórias transbordem umas sobre as outras, em algum ponto além da arqueologia.”



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável que o Festribal é uma importante manifestação cultural, e um grande patrimônio para Juruti. Ao longo do trabalho pude reafirmar essa importância, não apenas como torcedora, brincante ou espectadora, mas a partir das lentes de uma pesquisa voltada para a arqueologia e ao patrimônio.

A arqueologia como uma disciplina e como um agente social, deve se atentar às sociedades do presente e suas interações com o material arqueológico e a própria história, em especial com as pessoas na Amazônia, que vivem em cima dos sítios e têm suas próprias narrativas sobre eles, que por muitas vezes são importantes para suas percepções de identidade.

A cidade de Juruti é carregada de simbolismos históricos, culturais e é muito rica arqueologicamente, todos esses elementos estão interligados e para os jurutienses, podem ser vistos em uma só concepção. Há uma grande potencialidade de pesquisas tanto na arqueologia quanto em questões voltadas para o patrimônio local. Assim como esta pesquisa, que julgo como importante para fazer um registro mais elaborado sobre as origens do Festribal, a qual tive dificuldades em encontrar em registros na literatura, principalmente sobre a história dos Muirapinima; e para valorizar a arte jurutiense.

Fazer este trabalho, também foi um meio de me conectar com a história das minhas origens, tanto familiar, quanto torcedora, pois despertou em mim curiosidades que eu nunca havia questionado: por que meu bisavô era Munduruku e eu sou Muirapinima? por exemplo. Pesquisei a fundo narrativas que cresci escutando, pude fazer as conexões sobre informações dispersas e montar um panorama geral. Então percebi a importância de se conhecer o nosso passado; um ensinamento da arqueologia que pode ser usado subjetivamente, além das compreensões da ciência acadêmica.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, F. O. A Tradição policroma no alto rio madeira. Tese de doutorado. Museu de Arqueologia E Etnologia da Universidade de São Paulo. 2013
- BARBOSA RODRIGUES, J. Exploração e Estudos do Vale do Amazonas, **Typographia Nacional**, Rio de Janeiro, 1875.
- BATES, Henry Walter. **O naturalista do rio Amazonas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944. 2 v. (Brasiliana, 237).
- BEZERRA, Márcia. “As moedas dos índios”: um estudo de caso sobre os significados do patrimônio arqueológico para os moradores da Vila de Joanes, ilha de Marajó, Brasil **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi**. Cienc. Hum., Belém, v. 6, n. 1, p. 57-70, jan.- abr. 2011.
- BEZERRA, M. Os sentidos contemporâneos das coisas do passado: reflexões a partir da Amazônia. **Revista Arqueologia Pública**, Campinas, SP, v. 7, n. 1[7], p. 107–122, 2013.
- BEZERRA, Márcia. – **Teto e Afeto: Sobre as pessoas, as coisas e a arqueologia na Amazônia**/Marcia Bezerra – 1ª ed– Belém: PA: GK Noronha, 2017.
- CALDARELLI, Solange. Relatório final: Levantamento arqueológico na área de intervenção do Projeto de Mineração Juruti, PA, 2003.
- CARNEIRO, Robert. 1993. “Quarup: A Festa dos Mortos no Alto Xingu”. In: V. Coelho (org.), **Karl von den Steinen: Um Século de Antropologia no Xingu**. São Paulo: EdUSP. pp. 405-429.
- CARVAJAL, G. de; ACUÑA, C.; ROJAS, A. de. **Descobrimientos do Rio das Amazonas**. São Paulo: Ed. Nacional, 1941.
- CARVALHO, R. D. S. Associações Folclóricas do Festival de Juruti Rumo a Novas Perspectivas na Gestão Cultural: Um Retrato da Influência da Lei Rouanet Via Mecenato no Período de 2012 à 2017. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2018.
- CARVALHO, Aline; FUNARI, Pedro Paulo. 2009. As Possibilidades da Arqueologia Pública. **História e-História**. V. 2009, p 1-10.
- DIAS, J. A. P. Educação Colonial na Amazônia: a Pedagogia dos Jesuítas e a Invenção do Sairé. Dissertação (Mestrado em Educação – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2014.
- BRASIL. Presidência da República. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.
- GONÇALVES, José Reginaldo dos Santos. O mal-estar no patrimônio: identidade, tempo e destruição. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 28, no 55, p. 211-228, janeiro-junho 2015.
- GUIMARÃES, L. M. A. Do barro ao patrimônio cultural imaterial em Roraima. **Revista do patrimônio histórico e artístico nacional**, v, 37, p. 151-168, 2018.

HARTT, C.F. **Contribuições para a ethnologia do Valle do Amazonas**. Rio de Janeiro. 1885.

HERIARTE, M. Descrição do Estado do Maranhão, Pará, Corupá e Rio da Amazonas. Vienna. 1874.

HILBERT, P. A cerâmica Arqueológica da reigão de Oriximiná. **Publicações do Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará**, Belém, 1955.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE Cidades. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/>>. Acesso em 30 de maio de 2023

KRENAK, Ailton. Antes, o mundo não existia. In: NOVAES, Adauto (org.). **Tempo e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

LEITE, L. F. S. C. 'Pedaços de pote', 'bonecos de barro' e 'encantados' em Laranjal do Maracá, Mazagão - Amapá: Perspectivas para uma Arqueologia Pública na Amazônia. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

MACHADO, G. C.; DIAS, R. Patrimônio cultural e turismo: educação, transformação e desenvolvimento local. **Patrimônio: Lazer & Turismo**, v. 6, n. 8, 2009, p.1-11, 2009.

MENEZES, V. H. S.; BIAZOTTO, T. A.; MORAIS, G. S.; POMPEU, P.; MONTEIRO, A. L. M.; CARVALHO, A. V. Construções de diálogos e compartilhamento do conhecimento - algumas reflexões acerca da divulgação científica, educação patrimonial e arqueologia pública. **Cadernos do LEPAARQ**, v. 11, n. 21 2014.

METRAUX, A. **A religião dos tupinambás e suas relações com as das demais tribos tupis-guaranis**/A. Metraux pref, trad. E notas do prof Estevão Pinto. Cia Ed. Nacional, São Paulo, 1950.

NIMUENDAJÚ, C. **In Pursuit of a Past Amazon Archaeological Researches in the Brazilian Guyana and in the Amazon Region** (Ed. Per Stemborg). By Curt Nimuendajú. 2004

PANACHUK, Lílian. Arqueologia Preventiva na Área de Intervenção do Projeto Juruti/PA - Relatório Final, 2008.

PANACHUK, Lílian. Arqueologia preventiva e socialmente responsável! A musealização compartilhada e meu mundo expandido. Baixo Amazonas, Juruti/Pará. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. 2011. 266p.

PANACHUK, Lílian e CRUZ, Daniel. **Memórias da Terra: análises cerâmicas e geoquímicas nos sítios Terra Preta 1 e Terra Preta 2: estudos de arqueologia na área de intervenção da mineração Juruti/PA** / Lílian Panachuk (org.); revisão, Tatiane Lima; projeto gráfico, Wallace Felix. – São Paulo, 2016.

PANACHUK, Lilian; MELO, João Carlos; MUNHOZ, Jânua (org); **Memórias de Rua: as vivências e as visagens históricas de Juruti** / revisão, Tatiane Lima; projeto gráfico, Wallace Felix. – São Paulo: [s. n.], 2016.

PANACHUK, Lilian (org). **Memória das coisas: como os objetos podem falar sobre as pessoas: Estudos de Arqueologia e Patrimônio na área de intervenção da Mineração**

**Juruti, Pará.** Livro do educador; consultoria de Eneida Malerbi e Solange Caldarelli; revisão de Tatiane Lima; ilustração de Greyce Oliveira; diagramação de Wallace Felix. – 1.ed. -- São Paulo: Scientia, 2019.

PEREIRA, M. L. S. “Rios De História”: Guerra, Tempo E Espaço Entre Os Mura Do Baixo Madeira (Am). Tese de Doutorado. Universidade de Brasília. Brasília, 2009

PEZZI, R. A trajetória e a utilização do conceito de patrimônio ao longo do tempo. **SEMINA (UPF)**, v. 19, 21-36, 2020.

SANT’ANNA, M. Desafios e perspectivas da política federal de salvaguarda do patrimônio cultural. **Revista do patrimônio histórico e artístico nacional**, v, 36, p. 95-106, 2017.

SANTOS, S. F. dos, SALLES, A. D., SOUZA, S. M. F. M. de, & NASCIMENTO, F. R. (2007). Os Munduruku e as “cabeças-troféu”. **Revista Do Museu De Arqueologia E Etnologia**, (17), 365-380. <https://doi.org/10.11606/issn.2448-1750.revmae.2007.89804>

SILVA, B. S. R. da. Introdução – Diversidade e dissonância em arqueologia pública. **Revista Arqueologia Pública**, Campinas, SP, v. 9, n. 1[11], p. 121–141, 2015.


SILVA, J. M. P. & SILVA, C. N. Juruti: Uma Comunidade Amazônica Atingida Pela Mineração. **GEOgraphia** - Ano. 18 - Nº36, 2016.

SOUZA, C. M. & FILHO, J. D. M. A. Mineração na Amazônia e o crescimento urbano: O caso da cidade de Juruti-PA. Universidade do Estado do Amazonas, 2018.

## **ANEXOS**

O primeiro anexo se trata do regulamento do ano de 2022, que deu as orientações para que o Festibal ocorresse de forma idônea, cedido gentilmente pela secretaria da Tribo Muirapinima. O segundo anexo é a letra do Hino municipal de Juruti que pode ser encontrado no site da Câmara Municipal de Juruti. Os anexos numerados entre três e sete, foram cedidos por Ariadne Lima; são documentos do seu acervo pessoal que foram guardados ao longo do tempo durante sua atuação na diretoria da Tribo Muirapinima, alguns não estão devidamente identificados ou estão incompletos. O último anexo, número oito é a letra completa da música Legado Bororo, gravada pela Tribo Muirapinima em 2019.

## Anexo A - Regulamento do Festival 2022



**CARTORIO DE JURUTI**  
**OFÍCIO ÚNICO DE JURUTI - PARÁ**  
**REGISTRO DE TÍTULO**  
**E DOCUMENTO**

**REGULAMENTO DO FESTIVAL DAS TRIBOS ÍNDIGENAS DE JURUTI – FESTIBAL**  
**2022/2023**

**25 JUL 2022**

**CAPÍTULO I**  
**DO OBJETIVO, ORGANIZAÇÃO E REALIZAÇÃO**

**Art. 1º** Este regulamento tem por finalidade estabelecer normas para o Festival das Tribos Indígenas de Juruti que ocorrerá nos dias 28, 29 e 30 de julho de 2022.

§1º Será realizado pelas Associações Folclóricas Tribo Muirapinima e Tribo Mundurukus e organizado pelo Município de Juruti – Prefeitura Municipal de Juruti com patrocínio, apoio logístico, operacional, administrativo e financeiro.

§2º O Festival conta ainda com patrocínio do Ministério do Turismo, Alcoa, Banpará, Equatorial e FUNART.

§3º Os objetivos primordiais são:

I – Divulgar o folclore de Juruti;

II – Promover a cultura regional e estimular o espírito criativo do povo Jurutiense;

III – Valorizar a diversidade etno-cultural dos povos da Amazônia;

IV – Defender e estimular o conceito e uso sustentável da biodiversidade na Amazônia;

V – Reger a disputa entre as duas Associações Folclóricas Tribo Muirapinima e Tribo Mundurukus.

**CAPÍTULO II**  
**DA COMISSÃO ORGANIZADORA DA ESCOLHA DOS JURADOS**

**Art. 2º** A Comissão Organizadora da Escolha de Jurados (COEJ), será composta por 02 (dois) representantes da Tribo Muirapinima e 02 (dois) representantes da Tribo Mundurukus, e seus respectivos suplentes, que atuarão como membros, cuja indicação será atribuída por cada Tribo e homologado pela Secretária Municipal de Cultura, Desporto e Turismo.

**Parágrafo único.** A COEJ deverá ser instalada com antecedência mínima de 10 (dez) dias.

**Art. 3º** Os membros da COEJ terão as seguintes atribuições:

I – Providenciar e Coordenar a Logística Administrativa, Financeira e Operacional, na forma devidamente ajustada entre as partes.

II – Fazer cumprir na íntegra o Regulamento que rege o Festival.

§1º Nos casos de decisão por voto, cada agremiação terá direito a apenas um voto, seja qual for o número de representantes presente.

§2º Será nomeado (a) como mediador (a) e um suplente entre as duas Tribos, uma pessoa de reputação ilibada perante os cidadãos do Município de Juruti-PA.

§3º O mediador não terá direito a voto, salvo em caso de empate, funcionando como voto de minerva.

**CAPÍTULO III**  
**DA COMPETÊNCIA DA COMISSÃO ORGANIZADORA DA ESCOLHA DOS JURADOS**

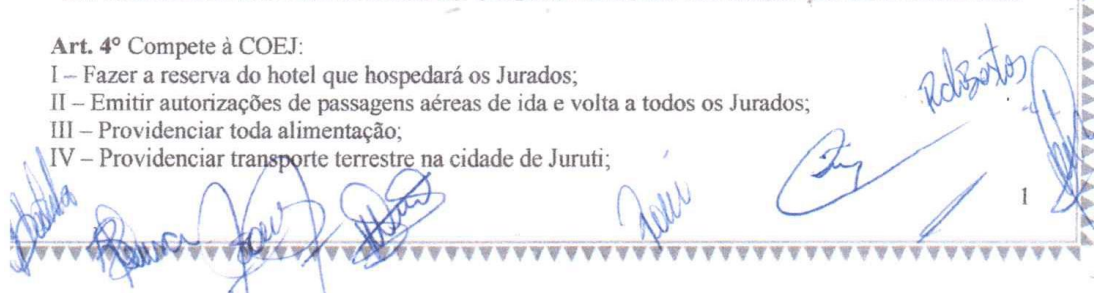
**Art. 4º** Compete à COEJ:

I – Fazer a reserva do hotel que hospedará os Jurados;

II – Emitir autorizações de passagens aéreas de ida e volta a todos os Jurados;

III – Providenciar toda alimentação;

IV – Providenciar transporte terrestre na cidade de Juruti;







**CARTORIO DE JURUTI  
OFÍCIO ÚNICO DE JURUTI - PARÁ  
REGISTRO DE TÍTULO  
E DOCUMENTO**

- V – Providenciar transporte aéreo ou fluvial até Juruti;  
 VI – Providenciar as urnas, lacres e demais materiais constados no art. 26 deste Regulamento.  
 VII – Providenciar e coordenar a logística do processo de julgamento.  
 §1º O hotel terá que possuir uma área a ser reservado com antecedência na cidade de Juruti o qual deverá apresentar infraestrutura adequada para hospedar os 04 (quatro) jurados.  
 §2º O hotel deverá possuir obrigatoriamente um local para uso restrito e exclusivo dos Jurados, não sendo permitido o seu compartilhamento com terceiros ou outros hóspedes.  
 §3º A COEJ, após a definição dos jurados, enviará a cada um dos 04 (quatro) o regulamento da COEJ.  
 §4º A recepção dos jurados na cidade de Santarém-Pá, será feita por 02 (dois) fiscais de cada agremiação.  
 §5º Os membros das Tribos pertencentes à COEJ, não poderão identificar-se aos jurados como pertencentes a esta ou aquela Tribo e sim como membro da COEJ.  
 §6º Comprovado o descumprimento da exigência do parágrafo acima, o infrator será imediatamente afastado da COEJ e será substituído definitivamente pelo seu suplente.

**CAPÍTULO IV  
DA COMISSÃO JULGADORA E ATRIBUIÇÕES**

**Art. 5º** A Comissão Julgadora será composta por 04 (quatro) jurados que no desempenho de suas funções, adotarão o princípio da imparcialidade e da legalidade, aplicando fielmente este regulamento.

**Art. 6º** Aos Jurados competem as seguintes atribuições:

25 JUL 2022

- I – Conhecer o inteiro teor deste Regulamento;  
 II – Julgar os 16 itens que define o processo de disputa entre as tribos, de acordo com os critérios de votação, constantes no Capítulo XV deste Regulamento;  
 III - Aplicar ou não as penalidades previstas neste Regulamento;  
 IV – Lavrar parecer circunstanciado e fundamentado sobre todas as decisões;  
 V – Assinar as folhas de votação constados no caderno de notas.

§1º Os jurados deverão:

- I - Chegar na cabine de julgamento, no mínimo, 30 (trinta) minutos, antes do início da primeira apresentação;  
 II – Permanecer nas suas cabines até o encerramento dos espetáculos e da votação e apreciação dos recursos interpostos. Havendo necessidade de deslocamento de suas cabines, serão acompanhados por fiscais das Associações Folclóricas habilitados;

§2º Os jurados não poderão;

- I – Fazer qualquer consulta a outro jurado durante as apresentações;  
 II – Receber qualquer tipo de objeto, adereço, souvenir e etc., de qualquer item ou membro de ambas as agremiações, quando a sua apresentação na arena.

**Parágrafo único.** Caso algum item ou membros das agremiações, presenteiem os jurados durante a apresentação, sob pena de aplicação de punição com a perda de 01 (um) ponto.

**CAPÍTULO V  
DO PROCESSO DE ESCOLHA DOS JURADOS**

Handwritten signatures in blue ink, including the name "Roberto" and a date "25 JUL 2022".



**CARTORIO DE JURUTI  
OFÍCIO ÚNICO DE JURUTI - PARÁ  
REGISTRO DE TÍTULO  
E DOCUMENTO**

**Art. 7º** Será efetuada pelo COEJ, a escolha de 04 (quatro) Jurados, preferencialmente um de cada estado, para o Festival, sendo de responsabilidade única e exclusiva desta Comissão, observando-se sempre o disposto no Art. 3º, inciso II, alínea "a".

§1º Fica acordado o sorteio de 08 (oito) Estados.

§2º Farão parte da escolha dos Jurados, todos os Estados da Federação Brasileira, incluindo o Distrito Federal, exceto os Estados da Região Norte.

§3º O sorteio ocorrerá da seguinte maneira:

I – Serão colocados numa urna os nomes dos Estados na forma constante no § 2º deste artigo;

II- Serão sorteados 08 (oito) estados para a escolha dos jurados, dos quais cada Tribo eliminará 02 (dois).

III – O resultado deste sorteio não poderá ter ampla publicidade nas mídias oficiais nas mídias oficiais disponíveis.

§4º O (a) Mediador (a) entrará em contato com os Estados sorteados e, caso haja recusa na participação de algum dos mesmos, será procedido um novo sorteio na forma do inciso II do § 3º deste artigo.

§5º Aceito a participação pelos Estados sorteados, a escolha dos Jurados será feita segundo seleção e análise dos currículos de pessoas de reconhecida e comprovada atuação em manifestações folclóricas e culturais brasileiras, tais como, doutores, mestres, artistas plásticos, antropólogos, maestros, músicos, regentes folcloristas, arquitetos, dançarinos, figurinistas, atores e diretores de teatro, cujo envio dos currículos serão efetuados pela Secretarias de Cultura, Universidades e Fundações.

§6º Não será permitida a participação de Jurados que já tenham atuado como tal em Festival de edições anteriores.

**CAPÍTULO VI  
DA GARANTIA DO SIGILO DOS VOTOS**

25 JUL 2022

**Art. 8º** Para cada apresentação haverá um Caderno de Votação com uma folha para cada item a ser julgado pelos Jurados, contendo os critérios para julgamento e atribuição de nota, que após a votação será colocado em envelope e rubricado pelos Jurados e COEJ sendo depositados na urna, que receberá o lacre definitivo rubricado por todos os membros da Comissão Julgadora, logo após o encerramento da apresentação da última Associação.

**Art. 9º** A urna, depois de lacrada será entregue pelos membros da COEJ, na presença dos fiscais das Associações Folclóricas, ao Comandante da DPM de Juruti, que ficará responsável pela sua guarda e inviolabilidade até a entrega para o Presidente da Comissão Apuradora, no dia e hora fixados neste Regulamento.

**CAPÍTULO VII  
DAS DEFESAS DOS TEMAS**

**Art. 10** A defesa do tema acontecerá no espaço restrito do qual trata os parágrafos 1º e 2º do art. 4º deste Regulamento.

I – Participarão da defesa dos temas os jurados, 02 (dois) membros de cada agremiação que farão a defesa do tema, 02 (dois) Fiscais de cada Tribo e o Mediador;

II – O tempo para defesa do tema será de 15 (quinze) minutos, não podendo extrapolar o mesmo;

III – O mediador será o responsável pela fala de apresentação e cronometrar o tempo de cada

*[Handwritten signatures and initials in blue ink]*





CARTORIO DE JURUTI  
OFÍCIO ÚNICO DE JURUTI - PARÁ  
REGISTRO DE TÍTULO  
E DOCUMENTO

agremiação folclórica;

IV- Na ocasião será permitida a entrega de souvenir a Jurados, ficando a critério de cada Tribo, se fará a entrega no início ou no final da defesa do seu tema;

V – A entrega dos Suvenires não está dentro dos 15 (quinze) minutos da apresentação do tema, porém, fica vetado qualquer discurso de ambas as tribos no ato da entrega.

**Parágrafo único.** Antes da defesa do tema, pelas agremiações, a COEJ terá 15 (quinze) minutos para expor o Regulamento aos jurados.

### CAPÍTULO VIII DAS IMPUGNAÇÕES

25 JUL 2022

**Art. 11** As impugnações deverão ser apresentadas em 04 (quatro) vias, pelos fiscais credenciados das Tribos, à Comissão Julgadora na noite em que ocorrer o fato gerador.

§1º O prazo para protocolar o pedido de impugnação será de 30 (trinta) minutos após a apresentação da última Associação, sendo imediatamente apresentado pelo mediador aos jurados e fiscais da Associação impugnada.

§2º A tribo impugnada terá 30 (trinta) minutos para apresentar sua defesa, a contar a partir da entrega da notificação.

§3º As impugnações serão apreciadas e decididas pelos Jurados até 01 (uma) hora após a apresentação das defesas.

§4º De cada decisão será lavrado um parecer circunstanciado pela Comissão Julgadora constando o resultado que, em envelope lacrado será rubricado pelo mesmo e pelos fiscais de cada agremiação folclórica, o qual só poderá ser conhecido quando da apuração dos resultados do Festival.

### CAPÍTULO IX DO APRESENTADOR

**Art. 12** Cada Associação terá o seu apresentador oficial, com a responsabilidade de fazer a apresentação da Tribo, sendo proibido ofender ou provocar por palavras, gestos ou qualquer outro meio à Associação contrária, autoridades civis, militares e eclesiásticas sob pena da aplicação de punição com perda de 01 (um) ponto no item APRESENTADOR.

**Parágrafo Único.** Fica estabelecido que o apresentador e/ou narrador não poderão fazer propaganda política e/ou mencionar nomes de políticos por ocasião da apresentação de sua tribo, sob pena da aplicação de punição com perda de 01 (um) ponto o item APRESENTADOR.

**Art. 13** As Associações devem utilizar apenas 01 (um) apresentador oficial do espetáculo, sendo-lhes facultada a participação concomitante de 01 (um) narrador para descrição e comentários de todos os itens concorrentes.

### CAPÍTULO X DO TEMPO DE APRESENTAÇÃO

**Art. 14** O tempo de apresentação de cada tribo será de no máximo 03 (três horas) e no mínimo de

25 JUL 2022



CARTORIO DE JURUTI  
 OFÍCIO ÚNICO DE JURUTI - PARÁ  
 REGISTRO DE TÍTULO  
 E DOCUMENTO

§1º A primeira tribo iniciará sua apresentação às 20h30min, com tolerância de 30 min.

§2º Esgotada a tolerância, será penalizada:

- a) com perda de 01 (um) ponto por atraso de 01 (um) minuto até 10 (dez) minutos.
- b) com perda de 01 (um) ponto por atraso de 01 (um) minuto até 20 (vinte) minutos.
- c) com perda de 01 (um) ponto a cada 10 minutos após os 20 (vinte) minutos da alínea "b".

§3º Passado o tempo de tolerância, às 21h, ou com o anúncio do item 01, APRESENTADOR, o cronômetro será ativado.

**Art. 15** A contagem do tempo oficial das apresentações das tribos será feita pela Comissão Organizadora e, para nortear o tempo de apresentação será instalado um relógio digital (alfanumérico) na área do Tribódromo, que será de responsabilidade do Município de Juruti - Prefeitura Municipal.

§1º Encerrada a primeira apresentação, e após o intervalo oficial de 30 (trinta) minutos, deve-se iniciar a apresentação da segunda concorrente, submetido ao mesmo tempo de duração do espetáculo.

§2º A segunda tribo iniciará sua apresentação após o intervalo oficial, com a autorização da Comissão Organizadora do Festival.

§3º A segunda tribo iniciará sua apresentação às 00h30min, com tolerância de 30 min.

§5º Esgotada a tolerância, será penalizada:

- a) com perda de 01 (um) ponto por atraso de 01 (um) minuto até 10 minutos.
- b) com perda de mais 01 (um) ponto por atraso de 01 (um) minutos até 20 minutos.
- c) com perda de 01 (um) ponto a cada 10 minutos após os 20 (vinte) minutos da alínea "b".

§5º Passado o tempo de tolerância, às 01h, ou com o anúncio do item 01, APRESENTADOR, o cronômetro será ativado

§6º Considera-se como início da apresentação de cada Associação, o anúncio da entrada do Apresentador.

§7º A tribo que ultrapassar o horário de apresentação será penalizada com perda de 01 (um) ponto a cada 10 (dez) minutos de permanência no local.

§8º O tempo final será computado com a saída dos integrantes Regional.

**Art. 16** Somente no caso de interrupção de fornecimento de energia elétrica, de som, ou por invasão da área por populares, ausência de jurados, mau tempo, chuva ou qualquer outro obstáculo que impeça efetivamente a realização do espetáculo nos horários previstos, reconhecidos formalmente pela Comissão Organizadora, as Associações Folclóricas Muirapinima e Mundurukus, poderão realizar as suas apresentações fora do horário inicial previsto, sem prejuízo da pontuação.

§1º Fica concedido o tempo de 30 (trinta) minutos, contados da solução formal do impedimento, para que a Associação Folclórica dê início à apresentação.

§2º Se os fatos previstos no caput deste artigo ocorrerem no curso do espetáculo, este será suspenso e seu início dar-se-á em até 30 (trinta) minutos após haver sido resolvido plenamente o problema, sem prejuízo para a Associação que estiver se apresentando.

§3º Não resolvido o impasse dentro do prazo estabelecido no parágrafo anterior, às tribos não poderão ser penalizadas.

§ 4º Não resolvido o impasse, ou seja, não solucionado o problema que ocasionou a interrupção da apresentação, será atribuída aos itens ainda não apresentados a mesma nota atribuída aos itens da Tribo que primeiramente se apresentou.

Handwritten signatures and initials in blue ink at the bottom of the page, including names like 'Daly', 'Ramon', 'Joaquim', 'Roberto', and 'Paulo'. A small number '5' is visible in the bottom right corner.





CARTORIO DE JURUTI  
OFÍCIO ÚNICO DE JURUTI - PARÁ  
REGISTRO DE TÍTULO  
E DOCUMENTO

Tribo que primeiramente se apresentou.

**CAPÍTULO XI  
DOS ITENS DE VOTAÇÃO**

25 JUL 2022

**Art. 17** Para o julgamento dos itens de votação, serão rigorosamente observados, no espetáculo, os 16 (dezesseis) itens inscritos no caderno de votação, conforme anexo I.

**Art. 18** A nota mínima a ser conferida por cada Jurado em cada item será 08 (oito) e a máxima 10 (dez), podendo ser fracionada na forma decimal, e deve ser lançada na folha de votação, numericamente e por extenso.

§1º - Se houver omissão ou rasura no lançamento da nota numérica ou por extenso, e estes divergirem entre si, será aproveitado o lançamento que não contiver rasura.

§2º - Estando rasuradas as duas formas de inscrições da nota, será atribuída a nota máxima às duas Associações no quesito do respectivo Jurado.

§3º - Os itens de votação serão levados ao conhecimento dos jurados através do apresentador oficial de cada Associação Folclórica e só poderão ser julgados a partir do momento que os jurados forem devidamente comunicados.

§ 4º - A Associação que deixar de apresentar (de não evoluir na arena) qualquer item constado no caderno de votação não receberá nota ou pontuação no item correspondente, sendo-lhe atribuída, para efeito de apuração, a nota 0 (zero).

§ 5º - Ao item que o apresentador oficial não anunciar, mas que estiver presente na arena e evoluindo, será atribuída a nota mínima.

§ 6º - Sendo atribuída a nota mínima pelo Jurado, deverá o mesmo justificá-la, caso contrário, a nota será igualada a da tribo adversária.

**Art. 19** O direito de voto é exclusivo dos jurados.

**CAPÍTULO XII  
DOS FISCAIS**

**Art. 20** As Associações nomearão 04 (quatro) fiscais, através de ofício endereçado à Comissão da Escolha de Jurados - COEJ, até 17hs (dezessete horas) do dia 28 de julho de 2022, para acompanhamento direto junto a essa Comissão.

§1º A recepção dos jurados na cidade de Santarém-Pa, será feita por dois fiscais de cada tribo entre os quatro indicado pela associação.

§2º O acompanhamento dos jurados na cidade de Juruti-Pa, será feita por 02 (dois) Fiscais de cada Tribo dentre os quatro indicados pela associação, podendo haver substituição entre os mesmos.

**Art. 21** É competência dos fiscais:

I - Fiscalizar a atuação dos Jurados;

II - Verificar se o material de votação está em ordem, antes de ser iniciado o julgamento;

III - Fazer impugnações sob qualquer irregularidade que verificar no curso da apresentação e votação, consignando as suas razões por escrito;

IV - Não permitir que os Cadernos de Votação sejam retirados do local do julgamento, antes do lacre da urna receptora dos mesmos;

V - Assinar, juntamente com os membros da Comissão Julgadora, as folhas de votação, antes do início das apresentações;

*[Handwritten signatures and initials in blue ink, including names like 'Rafael', 'Rafael', and 'Rafael', along with a circled '3' and a circled '6']*



CARTORIO DE JURUTI  
OFÍCIO ÚNICO DE JURUTI - PARÁ  
REGISTRO DE TÍTULO  
E DOCUMENTO

- VI – Assistir ao lacre da urna receptora dos cadernos de votação, rubricando-a, juntamente com os mesmos Jurados;  
VII – Receber as notificações de impugnações da sua Associação;  
VIII – Praticar todos os demais atos inerentes à sua função.

**Art. 22** Os fiscais não poderão interferir na votação e nem presenciar a prática do voto pelos Jurados.

**CAPÍTULO XIII  
DA APURAÇÃO**

25 JUL 2022

**Art. 23** A Comissão Organizadora terá a responsabilidade de:

- I - Providenciar local e equipamentos para o processo de apuração no Tribódromo;  
II - Providenciar os mapas e planilhas de apuração;  
III - Credenciar os representantes de cada Associação.

**Art. 24** A Comissão apuradora será formada por:

- a) 01 (um) presidente indicado pela COEJ, que será responsável pela apuração do resultado do Festival;  
b) 02 (dois) representantes de cada tribo, devidamente credenciados, os cadastros no dia 28/07/2022, que exercerão as funções de fiscal específico para o ato formando a Comissão Apuradora;  
c) Fica franqueada a livre participação dos presidentes das Associações Folclóricas, sem prejuízo das funções conferidas ao fiscal de apuração;  
d) Representante de órgão de imprensa, devidamente cadastrado pela Comissão Organizadora do Festival.

e) A imprensa ficará em espaço especialmente destinado ao exercício de suas funções, sendo vedado qualquer tipo de manifestação, sob pena do autor da manifestação ser retirado do local.

§1º - A apuração será feita às 17h (dezesete horas) do dia seguinte (domingo), na Tribuna de Honra do Tribódromo.

§2º - Antes do início da apuração serão divulgadas as atas contendo as decisões sobre as impugnações apresentadas por cada Associação, de cujas decisões não cabe qualquer recurso, em qualquer esfera.

§3º - Será computado o voto dos quatro jurados, e em seguida será descartada a menor nota entre os mesmos.

§4º - Em seguida serão lidas as notas dadas para cada item de cada jurado.

§5º Concluída a apuração o Presidente da Comissão Apuradora proclamará a Tribo Campeã do Festival, e sucessivamente a entrega do troféu.

§6º - Em caso de empate na pontuação geral do espetáculo, a Comissão Apuradora procederá ao desempate, observados pela ordem sucessiva os seguintes critérios:

- I – Confronta-se o somatório de pontuação no item de nº 08 (Regional), sendo proclamada campeã a Associação que obtiver maior número de pontos;  
II – Confronta-se o maior número de notas 10 (dez), sendo proclamada campeã a Associação que obtiver maior somatório de pontos;  
III – Confronta-se o somatório de pontuação no item de nº 11 (Alegoria), sendo proclamada campeã a Associação que obtiver maior número de pontos;  
IV – Confronta-se o somatório de pontuação no item de nº 16 (Galera), sendo proclamada campeã a Associação que obteve maior número de pontos;

7





CARTORIO DE JURUTI  
 OFÍCIO ÚNICO DE JURUTI - PARÁ  
 REGISTRO DE TÍTULO  
 E DOCUMENTO

V – Confronta-se a quantidade da segunda melhor nota atribuída às Associações para se conhecer a vencedora;  
 VI – Persistindo mais uma vez o empate, o Presidente da Comissão Apuradora proclamará as duas Associações como campeãs.

**CAPÍTULO XIV  
 DO MATERIAL DE VOTAÇÃO**

25 JUL 2022

**Art. 25** O material de votação deverá ser entregue aos jurados pelos membros da COEJ, no recinto específico, pelo menos 20 (vinte) minutos antes da apresentação da primeira agremiação.

**Art. 26** O material de cada jurado consistirá no seguinte:

- a) caderno de votação;
- b) folha de papel em branco para rascunho;
- c) lápis e borracha;
- d) caneta esferográfica azul ou preta;
- e) envelope para acondicionar o caderno de votação constando: nome do Jurado e o nome da Agremiação.

**Art. 27** A folha de votação que não contiver as assinaturas dos fiscais das Associações, será automaticamente anulada.

**Art. 28** As urnas e os lacres serão cedidos por órgãos públicos.

**Parágrafo único.** Após o término das apresentações as urnas serão lacradas imediatamente, e entregues a guarda e responsabilidade da Polícia Militar.

**CAPÍTULO XV  
 DOS CRITÉRIOS DE VOTAÇÃO**

**Art. 29** Os critérios a serem considerados pelos Jurados na votação são:

**01 – APRESENTADOR (Individual)**

**DEFINIÇÃO:** Anfitrião, Mestre de Cerimônia, Porta-voz.

**MÉRITOS:** Domínio de arena e de público, fluência verbal, carisma, impostação de voz, dicção, alegria, atenção constante no desenvolvimento do tema.

**ELEMENTOS COMPARATIVOS:** Indumentária e significado, voz, desenvoltura e animação.

**02 – PORTA – ESTANDARTE (Individual)**

**DEFINIÇÃO:** Símbolo da tribo em movimento.

**MÉRITOS:** Bailado, garra, desenvoltura, simpatia, elegância e alegria.

**ELEMENTOS COMPARATIVOS:** Indumentária, estandarte, leveza, graça, sincronia dos movimentos entre o bailado e o estandarte.

**03 – GUARDIÃ TRIBAL (Individual)**

**DEFINIÇÃO:** Sintetiza a beleza e sabedoria da mulher indígena, e representa o universo místico guardando as tradições da tribo.

**MÉRITOS:** Beleza, simpatia, desenvoltura e incorporação as suas representações.

Handwritten signatures in blue ink at the bottom of the page, including names like 'Adriano', 'Adriano', 'Adriano', 'Adriano', 'Adriano', 'Adriano', 'Adriano', and 'Adriano'.



**CARTORIO DE JURUTI  
OFÍCIO ÚNICO DE JURUTI - PARÁ  
REGISTRO DE TÍTULO  
E DOCUMENTO**

**ELEMENTOS COMPARATIVOS:** Beleza, graça, movimentos, simpatia e indumentária.

**04 – TUXAUA (Individual)**

**DEFINIÇÃO:** Chefe da tribo ou personagem cabocla em sua miscigenação, representação alegórica do universo indígena.

**MÉRITOS:** Plásticas adequadas ao tema do espetáculo, criatividade e originalidade.

**ELEMENTOS COMPARATIVOS:** Indumentária, fidelidade ao tema do espetáculo e riqueza dos detalhes na confecção do capacete cocar alegórico.

**05 – ÍNDIA GUERREIRA (Individual)**

**DEFINIÇÃO:** Representa a índia que mais se destaca pela sua beleza e coragem na defesa das tribos, elementos que são ressaltados com a sua encenação, coreografia, dança e detalhes de sua indumentária.

**MÉRITOS:** Simpatia, desenvoltura e incorporação as suas representações.

**ELEMENTOS COMPARATIVOS:** Beleza, movimentos, simpatia e indumentária.

**06 – PAJÉ (Individual)**

**25 JUL 2022**

**DEFINIÇÃO:** Curandeiro, xamã, sacerdote, ponto de equilíbrio das tribos.

**MÉRITOS:** Expressão corporal e facial, movimentos harmônicos, domínio de espaço cênico.

**ELEMENTOS COMPARATIVOS:** Indumentária, originalidade, expressão, segurança, domínio de arena, encenação e coreografia.

**07 – CANTO INDÍGENA – LETRA E MÚSICA (Abstrato)**

**DEFINIÇÃO:** Suporte lítero musical do Festrival. Elo entre a individualidade e o grupo.

**MÉRITOS:** Agrega elementos voltado ao tema que será defendido pela tribo na arena e/ou aspectos históricos, geográficos, culturais e sociais, desde os momentos primitivos até os nossos dias.

**ELEMENTOS COMPARATIVOS:** Melodia, métrica, conteúdo, interpretação, composição e harmonia.

**08 – REGIONAL (Coletivo)**

**DEFINIÇÃO:** Base para o espetáculo, agrupamento de percussão que fornece um referencial rítmico indispensável aos cantos indígenas.

**MÉRITOS:** Harmonia, cadência e ritmo.

**ELEMENTOS COMPARATIVOS:** Harmonia, disposição de arena, ritmo, indumentária, cadência.

**09 - EVOLUÇÃO (Coletivo)**

**DEFINIÇÃO:** É a própria movimentação da tribo durante a apresentação e apoteose. Um item que é defendido por todo o grupo mostra a desenvoltura, a alegria e a emoção dos componentes expressando a organização da tribo.

**MÉRITOS:** Disposição em que se encontram suas diversidades: Tribos, itens individuais, coreografia, liberdade de movimentos na arena.

**ELEMENTOS COMPARATIVOS:** Indumentária, alegria pertinente ao conteúdo do espetáculo, diversidade de estrutura, fantasia e alegoria com fidelidade ao tema.

**10 – RITUAL INDÍGENA (Estrutura Artística)**

**DEFINIÇÃO:** Recriação de rito xamanístico, fundamentado através de pesquisa, dentro do contexto folclórico das tribos indígenas.

Handwritten signatures and initials in blue ink at the bottom of the page, including names like 'Roberto' and '9'.



25 JUL 2022



CARTORIO DE JURUTI  
 OFÍCIO ÚNICO DE JURUTI - PARÁ  
 REGISTRO DE TÍTULO  
 E DOCUMENTO

**MÉRITOS:** Teatralização, criatividade, beleza, originalidade e efeitos.

**ELEMENTOS COMPARATIVOS:** Fidelidade ao canto indígena entoado na apresentação do ritual, desenvolvimento, beleza e encenação, observada a sua fundamentação pesquisas/referências dentro da folclorização das tribos.

**11 – ALEGORIA (Artístico)**

**DEFINIÇÃO:** Estrutura artística que funciona como suporte cenográfico para apresentação.

**MÉRITOS:** Beleza, criatividade e originalidade.

**ELEMENTOS COMPARATIVOS:** Acabamento, execução, funcionalidade, estética e porte.

**12 – TRIBO ORIGINALIDADE (Coletivo)**

**DEFINIÇÃO:** Grupo Étnico que compõem os povos indígenas do Brasil, dentro do contexto.

**MÉRITOS:** Sincronia de movimentos, cores e expressões cênicas e danças.

**ELEMENTOS COMPARATIVOS:** Sincronia, indumentária, fidelidade as raízes dentro do contexto das tradições indígenas, efeitos visuais: plástica e adereços.

**13 – TRIBO COREOGRAFADA (Coletivo)**

**DEFINIÇÃO:** Tribo que através das coreografias busca traduzir, ao som de cantos indígenas e de sua indumentária, a beleza inspirada nos rituais e costumes tribais.

**MÉRITOS:** Dinâmica, criatividade nos movimentos, ritmo e sincronia.

**ELEMENTOS COMPARATIVOS:** Expressividade do movimento, indumentária, sincronia e criatividade.

**14 – ORIGINALIDADE EM CONJUNTO (Coletivo)**

**DEFINIÇÃO:** Tem como características principais o uso de materiais da região, a relação do tema como o que se está apresentando.

**MÉRITOS:** Coerência com alegorias, assessórios, fantasias e a criatividade da tribo.

**ELEMENTOS COMPARATIVOS:** Indumentária, cênicas pertinentes ao conteúdo do espetáculo, diversidade de estrutura e fantasia com fidelidade ao tema.

**15 – HARMONIA (Coletivo)**

**DEFINIÇÃO:** Busca a interação entre os cantos, as danças, as coreografias, alegorias, mitos, lendas e rituais apresentados no decorrer do espetáculo.

**MÉRITOS:** Disposição em que se encontram suas diversidades: tribos, itens individuais em consonância com o tema, considerando a liberdade de movimentos na arena e tempo compatível.

**ELEMENTOS COMPARATIVOS:** Indumentária, alegoria pertinente ao conteúdo do espetáculo, diversidade de estrutura e fantasia com fidelidade ao tema.

**16 – GALERA (Coletivo)**

**DEFINIÇÃO:** Elemento de apoio do espetáculo, estímulo de apresentação, grupo de pessoas (torcedores) que formam uma das maiores coreografias do Festibal. É avaliada não apenas pela sua animação, mas também pelo respeito à apresentação da tribo adversária.

**MÉRITOS:** Alegria, energia contagiante, sincronia, garra, evolução e empolgação.

**ELEMENTOS COMPARATIVOS:** Animação, calor humano, participação, sincronia e adereços.

**CAPÍTULO XVI  
 DAS DISPOSIÇÕES GERAIS**

10

25 JUL 2022



CARTORIO DE JURUTI  
OFÍCIO ÚNICO DE JURUTI - PARÁ  
REGISTRO DE TÍTULO  
E DOCUMENTO

**Art. 30** Será penalizada no item correspondente, a tribo que através de seus Apresentadores e Narradores ou dos seus representantes oficiais, atentar contra o pudor e a moral pública, fizer alusão a partidos políticos ou candidatos a cargos eletivos, a título de propaganda, saudação nominal, referências político-partidárias, elogios ou ofensas a qualquer pessoa ou entidade, ou ainda, alusões depreciativas à crença religiosa, às autoridades civis, militares, eclesiásticas, aos Poderes constituídos e/ou seus representantes.

§1º - É permitida a apresentação de cantos indígenas de desafio sem ofensa à pessoa humana.

§2º - Em caso de ofensa prevista no caput do Art. 30 e §1º do mesmo artigo, a Associação será penalizada com a perda de 01 (um) ponto.

**Art. 31** Fica expressamente proibida à utilização pelas torcidas das tribos de instrumentos elétricos ou eletrônicos sonoros, que interfiram no espetáculo, assim como gestos, acenos ou faixas ofensivas à Associação oposta, sob pena de perda de 01 (um) ponto no item 16 do Art. 29 - Galera.

**Parágrafo Único.** A galera que vaiar ou arremessar qualquer objeto que venha prejudicar a evolução da tribo adversária perderá 01 (um) ponto.

**Art. 32** As alegorias e indumentárias de cada tribo não poderão ser reutilizadas de Festivais de outros municípios.

**Parágrafo Único.** Se comprovado através de prova material, a tribo será penalizada com perda de 05 (cinco) pontos.

**Art. 33** As pessoas que irão concorrer a itens individuais: Apresentador, Porta Estandarte, Guardiã Tribal, Tuxaua, Índia Guerreira, Pajé, deverão ser natos ou residir no município há no mínimo 02 (dois) anos, caso contrário a nota atribuída a esse item será anulada.

§1º É vedado, nos itens individuais, a apresentação, concomitantemente ou sucessiva, de mais de uma personagem.

§2º A infiltração da vedação acima submete a personalização com a perda de 01 (um) ponto na contagem geral.

**Art. 34** Não será permitido a utilização de cabo de aço ou qualquer outro material sobre a arena, ligando os extremos das arquibancadas, durante as apresentações das Associações.

**Parágrafo único.** As consequências oriundas do não cumprimento deste artigo implicarão em total responsabilidade da Associação Folclórica, além da perda de 01 (um) ponto na contagem geral.

**Art. 35** É vedado, dentro da arena, utilização de fogos como: tochas, fogueiras, fogos de artifícios durante a apresentação das agremiações, sendo permitido a utilização de fogos de artifícios frios indoor.

**Art. 36** Na cabine do jurado será permitida a permanência de:

a) Mediador;

b) Um fiscal de cada agremiação, devidamente cadastrado no dia 28/07/2022.

c) Dois membros da COEJ representantes das duas agremiações.

§1º Pode haver revezamento de fiscais entre os cadastrados e os 04 (quatro) membros titulares da COEJ.

§2º Os membros da COEJ podem ser substituídos por seus respectivos suplentes.

**Art. 37** - O presente Regulamento não poderá ser alterado em todo ou em parte, nem aditado, sob nenhuma forma, durante a sua vigência.

*(Handwritten signatures and marks)*





**CARTORIO DE JURUTI  
OFÍCIO ÚNICO DE JURUTI - PARÁ  
REGISTRO DE TÍTULO  
E DOCUMENTO**

**Art. 38** Os casos omissos neste Regulamento serão resolvidos pela COEJ, no âmbito de suas respectivas atribuições de acordo entre seus membros.

**Art. 39** Este Regulamento entrará em vigor após a sua aprovação, e terá vigência para os anos de 2022/2023.

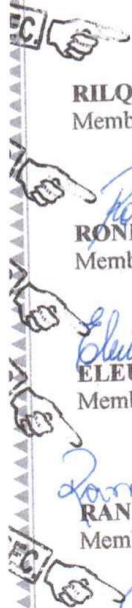
**Art. 40** - Farão parte integrante deste Regulamento os Anexos:

- a) Anexo I – Itens de nº 01 a nº 16;
- b) Anexo II – Itens coletivos e abstratos, itens individuais e estruturas artísticas;
- c) Anexo III – Termo de Ciência dos Jurados ao Regulamento do Festival;
- d) Anexo IV – Termo de Impugnação apresentado aos Jurados.

Juruti - Pará, 20 de julho de 2022.

25 JUL 2022

**COMISSÃO ORGANIZADORA DA ESCOLHA DOS JURADOS**



*Rilque*  
**RILQUE CEZAR LIMA BASTOS**  
Membro Titular- Tribo Mundurukus

*Ronilton de Souza Bastos*  
**RONILTON DE SOUZA BASTOS**  
Membro Titular- Tribo Mundurukus

*Eleutério Araújo de Lima*  
**ELEUTÉRIO ARAÚJO DE LIMA**  
Membro Suplente- Tribo Mundurukus

*Rana Cristina Simões de Sousa*  
**RANA CRISTINA SIMÕES DE SOUSA**  
Membro Suplente- Tribo Mundurukus

*Gilmar Diniz Jr*  
**GILMAR ANDRADE DINIZ JUNIOR**  
Mediador Titular das Tribos

*Izabel Cristina da Cunha Costa*  
**IZABEL CRISTINA DA CUNHA COSTA**  
Membro Titular- Tribo Muirapinima

*Clenilci Araújo Santarém*  
**CLENILCI ARAÚJO SANTARÉM**  
Membro Titular- Tribo Muirapinima

*José Nei da Silva Souza*  
**JOSÉ NEI DA SILVA SOUZA**  
Membro Suplente- Tribo Muirapinima

*Moizes de Souza Mota*  
**MOIZES DE SOUZA MOTA**  
Membro Suplente- Tribo Muirapinima



**RECONHECIMENTO DE FIRMA**

Reconheço por autenticidade a(s) firma(s) de:  
**RILQUE CEZAR LIMA BASTOS**  
Em testemunho da verdade. Eu, *Sain Delon de Lima Silva*, dou fe.  
Sain Delon de Lima Silva - Escrevente Autorizado (a)  
Juruti - Pará, 25/07/2022.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DO PARÁ  
SELO DIGITAL RECONHECIMENTO DE FIRMA  
NÚMERO: 4461614 - SÉRIE: A - SELADO EM: 25/07/2022  
CODIGO DE SEGURANÇA: 41616440000065929065811270  
QTD. ATOS: 1 EMOLUMENTOS: 6,40 FRJ: 0,96 FRC: 0,16



**Sain Delon de Lima Silva**  
CPF: 642.522.302-25  
Escrevente Autorizado

**RECONHECIMENTO DE FIRMA**

Reconheço por autenticidade a(s) firma(s) de:  
**IZABEL CRISTINA DA CUNHA COSTA**  
Em testemunho da verdade. Eu, *Sain Delon de Lima Silva*, dou fe.  
Sain Delon de Lima Silva - Escrevente Autorizado (a)  
Juruti - Pará, 25/07/2022.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DO PARÁ  
SELO DIGITAL RECONHECIMENTO DE FIRMA  
NÚMERO: 4461615 - SÉRIE: A - SELADO EM: 25/07/2022  
CODIGO DE SEGURANÇA: 51616440000075929065811270  
QTD. ATOS: 1 EMOLUMENTOS: 6,40 FRJ: 0,96 FRC: 0,16

**Sain Delon de Lima Silva**  
CPF: 642.522.302-25  
Escrevente Autorizado







**RECONHECIMENTO DE FIRMA**

Reconheço por autenticidade a(s) firma(s) de:  
**MIGUEL DE SOUZA MOTA**  
 Em testemunho da verdade, Eu, **[assinatura]**, dou fe.  
**Satin Delon de Lima Silva - Escrevente Autorizado (a)**  
 Juruti - Para, 25/07/2022.

TRIBUNAL DE JUSTICA DO ESTADO DO PARA  
 SELO DIGITAL RECONHECIMENTO DE FIRMA  
 NUMERO: 4461621 - SERIE: A - SELADO EM: 25/07/2022  
 CODIGO DE SEGURANCA: 1261644000026929065011270  
 QTD. ATOS: 1 EMOLUMENTOS: 6,40 FRJ: 0,96 FRC: 0,16  
"QUALQUER ADULTERAÇÃO, RASURA OU EMBENHA INVALIDA ESTE DOCUMENTO"



ANEXO II

**RECONHECIMENTO DE FIRMA**

Reconheço por semelhança a(s) firma(s) de:  
**GILMAR ANDRADE DINIZ JUNIOR**  
 Em testemunho da verdade, Eu, **[assinatura]**, dou fe.  
**Satin Delon de Lima Silva - Escrevente Autorizado (a)**  
 Juruti - Para, 25/07/2022.

TRIBUNAL DE JUSTICA DO ESTADO DO PARA  
 SELO DIGITAL RECONHECIMENTO DE FIRMA  
 NUMERO: 4461622 - SERIE: A - SELADO EM: 25/07/2022  
 CODIGO DE SEGURANCA: 2261644000036929065011270  
 QTD. ATOS: 1 EMOLUMENTOS: 6,40 FRJ: 0,96 FRC: 0,16  
"QUALQUER ADULTERAÇÃO, RASURA OU EMBENHA INVALIDA ESTE DOCUMENTO"



**Satin Delon de Lima Silva**  
 CPF: 642.522.302-25  
 Escrevente Autorizado

- ITENS INDIVIDUAIS**
- 1 - APRESENTADOR
  - 2 - PORTA ESTANDARTE
  - 3 - GUARDIÃ TRIBAL
  - 4 - TUXAUA
  - 5 - ÍNDIA GUERREIRA
  - 6 - PAJÉ

**Satin Delon de Lima Silva**  
 CPF: 642.522.302-25  
 Escrevente Autorizado

CARTORIO DE JURUTI  
 OFÍCIO ÚNICO DE JURUTI - PARÁ  
 REGISTRO DE TÍTULO  
 E DOCUMENTO

25 JUL 2022

**ABSTRATO**  
 7 - CANTO INDÍGENA - LETRA E MUSICA

- ITENS COLETIVOS**
- 8 - REGIONAL
  - 9 - EVOLUÇÃO
  - 12 - TRIBO ORIGINALIDADE
  - 13 - TRIBO COREOGRAFADA
  - 14 - ORIGINALIDADE EM CONJUNTO
  - 15 - HARMONIA
  - 16 - GALERA

- ESTRUTURAS ARTÍSTICAS**
- 10 - RITUAL INDÍGENA
  - 11 - ALEGORIAS

*[Handwritten signatures and marks at the bottom of the page]*

## Anexo B

## HINO DO MUNICÍPIO DE JURUTI

Composição: Francisco Alfaia de Barros

Da Amazônia, és recanto altaneiro  
Diz teu nome a nobreza Tupi  
Tuas raízes de sangue brasileiro  
És orgulho dos teus filhos Juruti!  
Da Senhora da Saúde, és Santuário  
És de Sanches de Brito, ó legado  
Terras firmes verdes matas, que cenário  
Somos filhos deste chão sempre amado!  
Juruti teu passado é de glória  
Tens um homem de Deus teu fundador  
Teu presente de luta é vitória  
Teu futuro construiremos com amor! (bis)  
Das barrancas do rio-mar és rebento  
Hino à vida dos que lutam por ti  
Com o sol a brilhar no firmamento  
Brilha a fé no teu porvir é Juruti!  
Entre as cores da tua bandeira  
Fulge a honra de um povo que é forte  
Nós te amamos ó pátria brasileira  
Mas com orgulho gritamos  
Somos filhos do Norte!

## Anexo C - Histórico da Tribo Muirapinima

### 1 - HISTÓRICO:

Muirapinima é o nome da Tribo que habitava as margens do Lago do Juruti Velho e que deu origem à vila que lá existe, hoje denominada de Vila Muirapinima. Apesar da Tribo Muirapinima não ser registrada pela FUNAI, uma equipe da Associação Folclórica deslocou-se até a região do Juruti Velho com o objetivo de colher informações e identificar remanescentes da Tribo Muirapinima, com base nos relatos colhidos foi que montamos a história deste povo valente, primeiros habitantes do Lago do Juruti Velho. Os Muirapinimas eram índios pacíficos que viviam da caça, da pesca, coleta e extrativismo de uma pequena agricultura, eram vaidosos no seu modo de vestir e de se pintar. Exímios canoeiros, faziam destas um instrumento de comunicação e de sobrevivência utilizando-a para a pesca. Com a chegada dos índios Yuruti (JURUTI), houve constantes confrontos, posteriormente com a exploração de madeira na região, deslocaram-se para o rio Mamuru, onde segundo nossos informantes, ainda existem remanescentes. Tais informações nos foram dadas pelos senhores: Manduquinha, pessoa muito popular na Vila Muirapinima e José Avelino Mateus, nascido em 26 de fevereiro de 1901, o qual foi casado com uma descendente Muirapinima.

Muirapinima também é uma espécie arbórea abundante na região do Juruti Velho, cuja madeira é de uma beleza impar, sendo este um dos motivos dos índios se autodenominarem com este nome, em homenagem a esta árvore, numa clara demonstração de amor à natureza.

### ❖ 2º - QUANDO E COMO FOI CRIADO O FESTIVAL:

O festival surgiu no período junino onde é tradição festejar não só na cidade como em todo Brasil, em juruti o povo neste período reunia-se na frente do Cliper "Arco-Íris" e apresentavam danças como a do tipiti, cordão de pássaros e quadrilhas, boi-bumbás, com o passar dos anos o festival passou a ser apresentado na quadra da praça, neste período apresentava-se um grupo de dança denominado "Mistura Paraense", que a cada ano empolgava mais a platéia e aumentava sua torcida., Nessa época, um grupo de pessoas lideradas por CARMEM BARROSO, ADERCIA BATISTA E JIM JONES BATISTA, resolveram em 04 de julho de 1993, fundar o Grupo Folclórico MUNDURUKUS, que possuía como função maior resgatar os valores do folclore local, mostrando ao público o valor da dança indígena e a importância de se conhecer as tradições dos índios

MUNDURUKUS, primeiro habitantes do município. E no ano de 1993 a disputa se deu entre o grupo "Folclórico Mundurukus" que apresentou danças da tribo e O grupo "Mistura Paraense" que passou a chamar-se "Ou vai ou racha", sendo que sempre havia um empate, pois defendiam categorias diferentes. A **Tribo Muirapinima**, surgiu no dia 17 de junho de 1995 através de trabalho escolar da disciplina Redação e Expressão como atração no arraial da Escola Estadual de Ensino Fundamental Deputado Américo Pereira Lima, sob coordenação da Professora Aurecília da Silva Andrade tendo como artistas alunos da referida Escola. O grupo Folclórico apresentou-se com um Ritual denominado "**O Feiticeiro**". A Comissão formada para a realização do X Festival Folclórico de Juruti, enviou convite para que o grupo participasse do evento, o qual fez sua apresentação no dia 27 de julho de 1995 -competindo com a "**Tribo Mundurukus** tendo como coordenadoras as Professoras Aurecília da Silva Andrade e Sebastiana Picanço, com o apoio de diversos moradores interessados em incentivar a juventude a conhecer e valorizar as suas raízes. Foi a partir de então foi crescendo tanto os brincantes quanto o público expectador, as apresentações passaram a ser no Centro Cultural durante 03 noites sendo que nas duas primeiras noites, diversas danças eram apresentadas, o grupo Folclórico "Ou vai Ou racha" se apresentava a título de participação especial e na última noite a disputa se dava somente entre Mundurukus e Muirapinima.

As "**Tribos**" desde então passaram a fazer parte nos eventos da cidade, no interior e cidades vizinhas, funcionando através de comissões provisórias. Em 30 de outubro de 1998, passaram a existir de fato e direito, com a criação do estatuto e inscrição no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ), com a denominação de **Associação Folclórica Cultural e Recreativa Tribo Muirapinima e Associação Folclórica Tribo Mundurukus** ocasião em que foi eleita e empossada a 1ª Diretoria Executiva, para um mandato de 02(dois anos).

❖ **3ª-TRIBOS QUE DERAM ORIGEM AO FESTIVAL:**

- Mundurukus e Muirapinima

❖ **4ª-PERSONAGEM DAS TRIBOS:**

- **O Apresentador Oficial**, que comanda todo o espetáculo, animando a apresentação durante toda a noite, é quem explica ao público e aos jurados o desenvolvimento da



- tribo; é um personagem fundamental, porque da sua desenvoltura, conhecimento do tema, desembaraço e emoção, dependerão a evolução da Tribo;
- **Porta Estandarte** da tribo tem como principal função defender e apresentar o símbolo da tribo. É personagem feminino que se destaca pela beleza, simpatia, leveza e agilidade na dança e apresentação do estandarte.
  - **A Guardiã Tribal:** sintetiza a beleza e sabedoria da mulher indígena e representa o folclore; guardando as tradições da tribo;
  - **A Índia Guerreira** representa a índia que mais se destaca pela sua beleza e coragem, elementos que são ressaltados com a coreografia de sua dança e detalhes de sua fantasia.
  - **O Tuxaua** representa a autoridade máxima da tribo, trajando uma rica indumentária confeccionada com matéria-prima regional onde ressalta a riqueza da fauna e flora amazônica.
  - **As tribos Originalidade e Coreografada** dão um show à parte, com suas indumentárias confeccionadas com matéria-prima regional, procuram ressaltar o cotidiano indígena na sua essência. A coreografia é realizada por passos criados para ao som dos cantos indígenas expressarem a beleza da dança inspirada nos rituais e costumes indígenas mais conhecidos.
  - **Pajé** -. o poderoso curandeiro e temido feiticeiro, o intercessor entre os Deuses Indígenas e os simples mortais. O pajé exibe sua dança forte, com movimentos definidos, num transe de êxtase espiritual, onde agradece ao soberano Tupã a sua vitória.
  - **A Galera** é avaliada durante toda a apresentação e não apenas pela sua animação, mas também pelo respeito à apresentação do grupo adversário.

❖ **5º/ 6º: AUTORES DAS LETRAS, NOME, PODER LÍNGUA; QUEM CANTA AS MÚSICAS DESDE O INÍCIO DOS ANOS:**

**Os cantos indígenas** entoados durante a noite de apresentação, são a trilha sonora onde o enredo se desenvolve. sendo todas de compositores jurutienses e interpretadas por músicos de Juruti. **O Canto Indígena**, que concorre (letra e música), é livre desde que esteja dentro do tema que a tribo se propõe em apresentar e que seja feito por compositores

de Juruti. **O Regional Filhos da Terra** é o Grupo Musical da Tribo Muirapinima, composto de 11 integrantes, que como o nome deixa claro, são todos filhos de Juruti:

ANO	NOME	AUTOR	INTÉRPRETE
1995	RITMO INDÍGENA	Sandro	Sandro (Marimba)
1996	ARIGANSO	Joelma Cardoso	José Hélio
	INICIAÇÃO	Joelma Cardoso	José Hélio
1997	MUIRAPINIMA	Aldamir Silva (micoca)	Pedro Pantoja
	MISSA INVASORA	Ademar Azevedo	Pedro Pantoja
	MORYA	Ademar Azevedo	Pedro Pantoja
	INDIA MUIRAPINIMA	Joelma Cardoso	Pedro Pantoja
	PEDRA PRECIOSA	Aldamir Silva	Pedro Pantoja
	ÍNDIO PAJÉ	Pedro Pantoja	Pedro Pantoja
	VEM BRINCAR DE ÍNDIO	Pedro Pantoja	Pedro Pantoja
	MISTÉRIOS DAS TERRAS CAÍDAS	Joelma Cardoso e Fabíola Picanço	Pedro Pantoja
	PAI DE SANTO	Ademar Azevedo	Pedro Pantoja
1998	TABA SAGRADA	Ademar Azevedo	Carlinho tribal
	CACHIMBO DA PAZ	Ademar Azevedo	Carlinho tribal
	MÍSTICA E MAGIA	Aldamir Silva	Carlinho tribal
	TRIBO AROMÁTICA	Aldamir Silva	Carlinho tribal
1999	AMAZONIA RITUAL	Ademar Azevedo	Carlinho tribal
	VEIA GUERREIRA	Ademar Azevedo	Carlinho tribal
	GIRA MIRAMAR	Ademar Azevedo	Carlinho tribal
	PODEROSO PAJÉ	Ademar Azevedo	Carlinho tribal
	PÁSSARO JURUTI	Braulino lino	Carlinho tribal
	FERA DESTEMIDA	Aldamir Silva	Carlinho tribal
	TRIBO DO PRAZER	Aldamir Silva	Carlinho tribal
2000	BELA MORENA	Ademar Azevedo	Carlinho tribal
	TRIBAL	Aldamir Silva	Carlinho tribal
	DESCIDA DAS ÁGUAS	Moisés Souza	Carlinho tribal
	ENCANTO E MAGIA	Alder Sares	Carlinho tribal
	TRIBO DO PRAZER	Pedro pantoja	Carlinho tribal
	WETAMUNA EH SARÊ	Ray Farias	Carlinho tribal
	ADORADO TUPÃ	Aldamir Silva	Carlinho tribal
	ESTRELA AZUL E VERVELHA	Sebastião Júnior	Carlinho tribal
	PODEROSO KARUANA	Aiezer Duarte Filho	Carlinho tribal
	CRENÇA DIVINA	Elinaldo Farias	Carlinho tribal
2001	LINDA CUNHÃ	Aroldo Santarém	Carlinho tribal
	IMENSURÁVEL	Irineu Albuquerque	Carlinho tribal
	EXPRESSÃO DE ÍNDIO	Aldamir Silva	Carlinho tribal
	MUIRA JUBA ESTRELA DE TUPÃ	Aiezer Duarte Filho	Carlinho tribal
	VENHA SER FELIZ	Sebastião Júnior	Carlinho tribal

	MUSA GUARDIÃ TRIBAL	Aroldo Santarém	Carlinho tribal
	UM CANTO TRIBAL	Dienerson/ Toninho	Carlinho tribal
	CANTOS TRIBAIS	Aldamir Silva	Carlinho tribal
<b>2002</b>	FESTA LINDA	Aroldo Santarém	Carlinho tribal
	BELA GUARDIÃ	Aroldo Santarém	Carlinho tribal
	PAJÉ DOS PAJÉS	Jonas Silva	Carlinho tribal
	BAILADO OUZADO	Irineu Albuquerque	Carlinho tribal
	TRIUNDO DE FÉ	Aiezer Duarte	Carlinho tribal
	ARKE WUIÍ	Hugo Levi, Aiezer Duarte, Neil Armstrong, Silvio Camaleão	Carlinho tribal
	CANTO FORTE	Aroldo Santarém	Carlinho tribal
	RIOS DE LIBERDADE	Tony Rossy	Carlinho tribal
	MURAITAWA	Aldamir Silva	Carlinho tribal
	ARTE E GLÓRIA	Aiezer Duarte	Carlinho tribal
	TOM AZUL E VERMELHO	Dienerson/ Toninho	Carlinho tribal
	INSÍGNIA MUIRÁ	Jonas Silva	Carlinho tribal

❖ **7ª - COREOGRAFIA: EM QUE SE BASEIA :**

A coreografia em si é baseada nas letras dos cantos indígenas; primeiramente depende do sentido que o canto indígena quer transmitir e passa por um processo de interpretação, e então faz-se uma adaptação a dança indígena. Por exemplo: se um canto indígena fala de um animal ou planta, a coreografia será montada fazendo os mesmos gestos de acordo com esses seres.

❖ **8ª - DATAS DO FESTIVAL:**

- X festival - 27 a 30 de julho de 1995;
- XI festival - 25 a 28 de julho de 1996;
- XII festival - 24 a 27 de julho de 1997;
- XIII festival - 26 a 28 de julho de 1998
- XIV festival - 29 a 31 de julho de 1999;
- XV festival - 27 a 29 de julho de 2000;
- XI festival - 29 a 31 de julho de 2001;
- XII festival - 26 a 28 de julho de 2002,;
- XIII festival- 24 a 26 de julho de 2003.

❖ **9ª QUEM GANHOU EM QUE ANOS:**

O Festival das Tribos Indígenas de Juruti, que muitos também já denominam "Festribal" considera-se a partir do ano de 1995 quando realmente houve a disputa entre as duas tribos:

ANO	MUIRAPINIMA	MUNDURUKUS	EMPATE
1995		X	
1996		X	
1997		X	
1998			X
1999		X	
2000	Obs.Não houve decisão oficial	Ambas intitulam-se vencedoras	X
2001	X		
2002	X		
2003	X		

❖ **10ª-QUAL PROGRESSO:**

1-Infra-estrutura: Com o crescimento do Festribal, houve a necessidade de construir um local específico para as apresentações. No ano 2000 foi inaugurado a 1ª etapa do Tribódromo ainda sem conclusão, somente com a arena e arquibancada. As ruas e travessas de acesso foram calçadas. Inauguração de 02 hotéis de iniciativa privada.

2-Cultural: apesar de sermos amazônidas e descendentes diretos dos índios que aqui habitavam, havia um certo preconceito em relação ao reconhecimento da etnia, herdado pela era colonial. Com o festival, está havendo uma quebra deste preconceito, ou seja, estamos assumindo a identidade indígena.

3- Geração de renda: uma alternativa de aumento da renda familiar com as vendas de; refeição, souvenirs, matéria-prima para as indumentárias, aumento da renda no comercio local, geração de empregos temporários e etc.

4- Alternativa de turismo ecológico.





❖ **11º-COMPORTAMENTO SOCIAL DAS PESSOAS EM RELAÇÃO À DISPUTA TRIBAL:**

há uma acentuada rivalidade entre as pessoas ocorrendo às vezes desavenças entre famílias e ou na própria família,

❖ **12- NOME DOS TEMAS:**

Em sua existência, a Associação Folclórica Cultural e Recreativa Tribo Muirapinima apresentou-se no Festival com os seguintes temas:

- 1995 – Tradição e Cultura;
- 1996 – Valores Indígenas na Cultura Amazônica;
- 1997 – Uma Viagem na Cultura Amazônica;
- 1998 – Povos Indígenas, uma dívida histórica;
- 1999 – Amazônia Rituais;
- 2000 – Histórias e Crenças da Amazônia;
- 2001 - "Amazônia, Templo dos Deuses Indígenas."
- 2002 - Arte Indígena;
- 2003 - Amazônia mística e tribal.

❖ **13- MÉDIA DOS BRINCANTES E TRABALHADORES NO FESTIVAL:**

ITENS: 07 + 11 DO REGIONAL= 18

TRIBOS: 12 X MÉDIA DE 24 BRINCANTES CADA= 288

ALEGORIAS: 10 (EQUIPE DE APOIO)= 120

DIRETORIA: 18

EQUIPE ARTÍSTICA: 6 artistas de tribo x 5 ajudantes cada: =30 num total de 36;

Alegorias= 25; Itens=04; Galera uma coordenação composta de 50 pessoas.

Coreografia; 02 artistas + 05 ajudantes= 07;

Totalizando uma média 122 trabalhadores diretos na apresentação da tribo.

- Cada tribo possui no mínimo 566 integrantes.

❖ **14- SUGESTÃO P/ GERAR FINANÇAS NO FUTURO:**

- Conclusão do Tribódromo;
- Construção de um aeroporto;
- Criação de secretaria de cultura, incentivando o turismo;
- Investimento nas tribos;

## Anexo D – Histórico da Tribo Mundurukus

### GRUPO FOLCLÓRICO MUNDURUKUS

#### "OS MUNDURUKUS"

"Artesão das plumas,  
primoroso na pintura,  
vaidoso, forte e bonito  
festivo das vitórias  
altruísta com os bravos  
implacável inimigo,  
estóico das guerras  
sábio, cívico soldado  
justo, valente solidário  
guerreiro, feroz e destemido  
assim nasceu a nação dos  
MUNDURUKUS"

#### HISTÓRICO

Observando o deficiente quadro cultural existente na cidade de Juruti, um grupo de pessoas lideradas por CARMEM BARROSO, ADERCIAS BATISTA E JIM JONES BATISTA, resolveram em 04 de julho de 1993, fundar o Grupo Folclórico MUNDURUKUS, que possuía como função maior resgatar os valores do folclore local, mostrando ao público o valor da dança indígena e a importância de se conhecer as tradições dos índios MUNDURUKUS, primeiro habitantes do município. Inicialmente o grupo contava apenas com 300 componentes e hoje já é de 835 participantes.

Em termos oficiais o Grupo Folclórico MUNDURUKUS já teve os seguintes temas e diretorias:



**DADOS HISTÓRICOS NECESSÁRIOS PARA A FORMULAÇÃO DO  
EMBASAMENTO TEÓRICO ESPETÁCULO "FENÔMENOS E MISTÉRIOS DA  
ILHA DE SANTA RITA"**

**SANTA RITA**

Santa Rita, ilha jurutiense localizada à margem esquerda do Rio Amazonas e centralizada pelos furos do Parú, Cahoeri e Boto. É habitada por pessoas humildes, praticantes da pesca. O cultivo da juta e pecuária e muitas outras atividades. Este lugar é conhecido na região como o berço de mulheres bonitas que encantam homens de todos os tipos. Ao se falar de Santa Rita, logo lembramos do canoeiro, do juteiro e das belas cunhatãs.

**TRIBO MUNDURUKU**

Habitavam a região dos rios Madeira e Tapajós. Devido às várias lutas travadas com outros povos mudaram-se chegando as nossas terras por volta de 1818 acontecendo assim, a fundação de Juruti. Praticavam a pesca, a caça, a agricultura e outras atividades. Adoravam rairú, seu grande deus protetor. Desta forma juruti, até hoje é considerada o Berço dos MUNDURUKU.

**TRIBO ORIGINALIDADE**

Na aldeia MUNDURUKU havia um grupo de belas guerreiras que em noites de festas vestiam-se com belos saíotes de cuia com detalhes em seringa, tento e penas. Nas mãos traziam pedaços de pau adornados com fios, exibindo sua bela dança. A frente deus rairu as conduzia juntamente com a poderosa feiticeira.

**RITUAL A SAGA DE JOÃO GUIMARÃES**

Segundo a lenda, João Guimarães é um ser encantado que ora transformava-se em cobra e ora em navio, habitava no lago hoje chamado de Bom Jesus, e para dar fim ao seu encanto, veio em sonho para sua mãe e a clamou que ao meio dia fosse lhe encontrar-lhe na boca do Taiacu

**DADOS HISTÓRICOS NECESSÁRIOS PARA A FORMULAÇÃO DO  
EMBASAMENTO TEÓRICO ESPETÁCULO "FENÔMENOS E MISTÉRIOS DA  
ILHA DE SANTA RITA"**

**SANTA RITA**

Santa Rita, ilha jurutiense localizada à margem esquerda do Rio Amazonas e centralizada pelos furos do Parú, Cahoeri e Boto. É habitada por pessoas humildes, praticantes da pesca. O cultivo da juta e pecuária e muitas outras atividades. Este lugar é conhecido na região como o berço de mulheres bonitas que encantam homens de todos os tipos. Ao se falar de Santa Rita, logo lembramos do canoeiro, do juteiro e das belas cunhatãs.

**TRIBO MUNDURUKU**

Habitavam a região dos rios Madeira e Tapajós. Devido às várias lutas travadas com outros povos mudaram-se chegando as nossas terras por volta de 1818 acontecendo assim, a fundação de Juruti. Praticavam a pesca, a caça, a agricultura e outras atividades. Adoravam rairú, seu grande deus protetor. Desta forma juruti, até hoje é considerada o Berço dos MUNDURUKU.

**TRIBO ORIGINALIDADE**

Na aldeia MUNDURUKU havia um grupo de belas guerreiras que em noites de festas vestiam-se com belos saíotes de cuia com detalhes em seringa, tento e penas. Nas mãos traziam pedaços de pau adornados com fios, exibindo sua bela dança. A frente deus rairu as conduzia juntamente com a poderosa feiticeira.

**RITUAL A SAGA DE JOÃO GUIMARÃES**

Segundo a lenda, João Guimarães é um ser encantado que ora transformava-se em cobra e ora em navio, habitava no lago hoje chamado de Bom Jesus, e para dar fim ao seu encanto, veio em sonho para sua mãe e a clamou que ao meio dia fosse lhe encontrar-lhe na boca do Taiacu

levando um machado de lâmina virgem para cortar-lhe a cabeça e sete gotas de leite de vaca preta para lançar-lhe a boca, somente desta forma a maldição se quebraria. Carlota Guimarães, que morava em uma ponta chamada ponta da ventania, que depois recebeu o nome de ponta do Catauarí, devido existir bastante catauarizeiro, cheia de coragem vai ao misterioso encontro, porém ao deparar-se com a enorme cobra apavora-se e desmaia. Compadecido Rairú deus dos munduruku envia o grande pajé para dar fim ao encanto, depois de horas de luta, travado com João Guimarães, o grande pajé, desiste do duelo não conseguindo quebrar a maldição. Iniciando assim uma grande oração por João Guimarães, ser amaldiçoado e infeliz possuidor da agonia dos espíritos da água. Desta forma deu-se o grande ritual.







## Anexo F – Histórico da tribo Muirapinima

### HISTÓRICO DA TRIBO MUIRAPINIMA

Tribo Muirapinima surgiu pela primeira vez no dia 17 de junho de 1995, através de trabalho escolar da disciplina Redação e Expressão, como atração no arraial que a Escola Estadual de Ensino Fundamental Dep. Américo Pereira Lima promoveu para angariar fundos para construção do piso das salas de aula; sob a coordenação da professora Aurecília da Silva Andrade e como artistas alunos da referida escola.

No mesmo ano a Tribo oficializou sua apresentação no X Festival Folclórico, competindo com a Tribo Mundurukú no dia 27 de julho. Tendo como coordenadoras as professoras: Aurecília da Silva Andrade e Sebastiana Picanço da Silva e com apoio de pessoas interessadas em incentivar a juventude a criar e conhecer suas raízes.

Muirapinima é o nome da Tribo que deu origem a Vila a margem do lago Juruti-Velho, uma equipe deslocou-se a região para recolher informações dos descendentes dos velhos moradores da Vila Muirapinima, e com base nesses dados montamos a história deste povo herói, primeiros habitantes da região de Juruti-Velho, ficando aí até 1850. Eram índios de pele clara, cabelos cor de fogo e outros trigueiros, com a chegada dos índios Y'uriti (Juruti) e a exploração da madeira pelos portugueses deslocaram-se para o rio Mamuru.

Tais informações nos foi dada pelos senhores Manduquinha, descendente da tribo Jurupixuna, e José Avelino Mateus nascido em 26.02.1901 descendente da tribo Arará que chegou a região com 17 anos, o qual casou-se com descendente Muirapinima.

Com base nos dados acima buscamos apresentar uma tribo com características de nosso povo, reunindo os aspectos tradicionais e culturais.

Utilizamos som original do povo indígena, preparamos roupas e adereços, alegorias, rituais, sempre buscando os costumes, as crenças e lendas de nossos ancestrais e nossos recursos naturais.

O nosso objetivo é mostrar aos presentes que descendemos de um povo bravo e guerreiro, com capacidade de desenvolver seu intelecto e despertar cada um para que valorize suas raízes e defenda os direitos dos índios (Bugres), que são um povo que convive harmoniosamente com os campos, as matas, as serras, os rios e os animais.

O índio melhora a qualidade de vida do seu povo, respeitando a natureza, vive, cresce em comunidade justa e igualitária. São caçadores, pescadores, coletores, cultivadores. Todos os eventos da vida são celebrados com festas.



PRINCIPAIS TEMAS

- 1995 - Muirapinima" Tradição e Cultura"(Tradição e cultura do povo indígena)  
 1996 -"Valores indígena na cultura da Amazônia"( A valorização da cultura ' indígena na Amazônia)  
 1997 -"Uma viagem na cultura da Amazônia"(Uma viagem na cultura dos Estados da Amazônia)  
 1998 - "Povos indígenas uma dívida histórica"(Uma dívida histórica que o ' homem branco tem com os índios desde o descobrimento do Brasil.)  
 1999 - Amazônia Rituais(Amazônia e os rituais dos povos indígenas)

DIRETORIA DA ASSOCIAÇÃO FOLCLÓRICA CULTURAL E RECREATIVA TRIBO MUIRAPINIMA

Presidente: Aurecília da Silva Andrade

Vice- Pres: M<sup>a</sup> de Fátima Andrade Pereira

1<sup>a</sup> Tesoureiro: Sebastiana Picango da Silva

2<sup>a</sup> Tesoureiro: Lindemberg Tadeu Benitah

1<sup>a</sup> Secretária: Ariadne Elizabete Batista de Lima

2<sup>a</sup> Secretário: Euler Kanamé Vieira Kobayashi

Diretora Social: Sandra Regina Andrade Pereira

Suplente: Maria Aparecida Barrozo Camarão

Diretor de arte: Sandro Souza da Silva

Suplente: Jorge Luiz Guimarães dos Santos

Diretor Musical: Pedro Pantoja

Suplente: Manuel Henrique Gomes Costa

Conselho Fiscal: Membros: José da Rocha Amazônas, Arimar dos Santos Barbosa, Fernando Esteves de Lira.

Suplente: Maria Graciede Bentes de Lira e Odilane Alves dos Santos.

Suplente da Diretoria:

1<sup>a</sup> suplente: Ursula de Jesus da Silva Santos

2<sup>a</sup> suplente: Dencilil Guimarães dos Santos

3<sup>a</sup> suplente: Maria de Lata Abilene

4<sup>a</sup> suplente: Dencilio da Silva Andrade

5<sup>a</sup> suplente: João Pereira

## Anexo G – Narrativas sobre as noites do Festival

### NARRATIVA SOBRE AS NOITES DO FESTIVAL

#### NOITE DO DIA 29.07.1999 (1ª NOITE)

As 20:30 horas foi aberto oficialmente o XIV Festival Folclórico de Juruti, com o hasteamento das bandeiras Nacional, Estadual e Municipal, ocasião em que foi executado o Hino Nacional, logo após pronunciou-se o Sr. Prefeito Municipal Izaías Batista Filho, onde destacou seu apoio ao festival, incentivando a cultura do povo. Em seguida houve a apresentação da "Banda Alternativa" e show de fogos de artifícios, dando sequência apresentaram-se as porta-estandartes dos grupos: "Toma-lá-da-cá", "Ou vai ou racha" e das Tribos Muirapinima e Mundurukús, mexendo as respectivas galeras.

Dando continuidade aos espetáculos da noite, a Tribo Mundurukús Mirin, iniciou sua apresentação, com o desfile da porta estandarte, seguida dos demais integrantes, com suas alegorias e fantasias encenando uma viagem com magias e rituais.

As danças santarenas "O Ritmo do Carimbó", com 35 componentes e "O Compasso do Carimbó", com 40 componentes, mostraram ao público presente no tribódromo a dança do carimbó, típica da cultura paraense.

A última atração da noite foi o show de Davi Assayag, cantando toadas do Boi Garantido

#### NOITE DO DIA 30.07.1999 ( 2ª NOITE)

A Segunda noite do festival iniciou-se às 21:00 horas com a apresentação da quadrilha "pimpolhos da roça", da Vila Muirapinima, com 32 componentes, todos alunos da primeira série, a qual foi criada pelas professoras, Elizângela e Jane,

Depois foi apresentada a dança do carimbó, também da Vila Muirapinima, integrada por 34 alunos da Escola Virgínia de Queiroz, mostrando o carimbó em seus ritmos e danças

A terceira atração da noite foi a apresentação da dança "Toma-lá-da-cá", com 45 componentes, mostrando a dança "Ciranda", originária do município de Tefé do Estado do Amazonas.

Encerrando as apresentações da noite, veio o Grupo Folclórico "Ou vai ou racha" que exibiu sua porta estandarte com trajes árabes, estilo Odalisca, em conformidade com o tema desenvolvido pelo grupo "Cedro do Líbano", baseado nos contos das mil e uma noites. Foi fantástica a coreografia apresentada pelos integrantes.



### NOITE DO DIA 31.07.1999 – (3ª E ÚLTIMA NOITE)

As 21:00 horas foi realizada a abertura com fogos de artifícios e apresentação das autoridades do município, Sr. Prefeito Izaias Batista Filho e Digníssima esposa, Sra. Lucíδια Benitah Batista, além de outras autoridades e convidados especiais, os quais estão relacionados em anexo.

Após as solenidades foi dado início a parte mais empolgante do festival que é a disputa das tribos Mundurukús e Muirapinima, nos itens Apresentador; Canto Indígena (Letra e Música) Porta -Estandarte; Rainha do Folclore, Tuxaua, Índia Guerreira, Evolução, Ritual, Pajé, Alegorias, Originalidade em conjunto, Harmonia, Tribo coreografada e Galera, As torcidas deram um show a parte, cada uma mais animada que a outra.

Iniciando as apresentações veio a tribo Mundurukús, acompanhada pela banda "Evolução Nativa". Seu enredo foi narrado pelo Sr. Ferdinando Barata e apresentado pelo Sr. Junior Batista (Jim Jones), o qual entrou em cena agitando a galera, saudando as autoridades, os jurados e o público em geral. Em seguida começou a apresentação propriamente dita da Tribo, cujo tema foi "**Guerras crenças e pajelanças**". A tribo trouxe originalidade primitiva, encenando os primeiros Mundurukús, que viviam em harmonia com a natureza os quais foram atacados pelos Apiacás, uma tribo inimiga e malvada, personalizada por um urubú, que enfeitiçou e degolou a lukatã, filha primogênita do cacique Mundurucú, toda a tribo ficou revoltada e tomaram-se cortadores de cabeças. Depois vieram as tribos de diversas aldeias: Acupari, Arenchrê, Cabroa, Juruti, Danaponi., Arepaduri. Cada uma exibindo roupas diferentes, pelo uso de plumas, penas, palhas, talas fibras e etc..., demonstrando suas danças, coreografias e rituais. A rainha do folclore surgiu numa alegoria que representava um beija-flor, dançava em cima de uma flor, sendo carregada pelo bico do pequeno pássaro. A porta estandarte adentrou montada numa taturana selvagem (Lagarta traçoieira), simbolizando os sentimentos de guerra.. A entrada do tuxaua, chefe da tribo, devidamente paramentado, sendo um dos maiores destaques. No ritual foi destacada a guerra inter-tribal, representada com a entrada de um urubú jereua, trazendo o Deus feticheiro dos Apiacás. Iniciou a batalha, a cabeça do urubú jereua foi esmagada e os Mundurukús venceram a pajelança entrou em cena o espírito de mangona, o pajé ressucitou lukatã, mulher bela e sedutora, deusa e causa da guerra, representada pela índia guerreira. A seguir veio a entrada da tribo coreografa, as viúvas, que demonstrou uma dança de despedida em homenagem aos seus maridos mortos nas guerras inter-tribais, encerrando a apresentação Mundurukú.

Exatamente as 0:20 horas do dia 01.08.1999, começou a apresentação da Tribo Muirapinima, com o tema "Amazônia Rituais", narrado pelo Sr. Jaime e apresentado pelo Senhor Carlinhos Coimbra, o qual veio dentro de uma alegoria denominada "Índio Muirapinima" figura lendária com topônimo tupi-muirapinima, uma árvore frondosa, de cerne duríssimo e majestoso, daí o registro denominativo desse nativo audaz e altivo e destemido, sendo portanto o grande protetor do solo amazônico, onde é firmado o seu habitat natural, saudando os expectadores na linguagem muirapinima. O apresentador saudou as autoridades presentes, os jurados e o povo em geral., mostrando os coordenadores da tribo, seus artistas e equipe de apoio e os músicos integrantes do Regional Filhos da Terra. Em seguida foi iniciado o espetáculo tribal, com a entrada da Tribo Tiryó, cujas fantasias e adereços foram confeccionados pelo artista João Félix. Abaixo informamos a demais tribos que integravam as apresentações e os artistas responsáveis pela confecção das fantasias e adereços e seus coreógrafos:

## Anexo H

## LEGADO BORORO

Autoria: Paulinho Du Sagrado / Gabriel Moraes

A morte percorre, vingança na aldeia  
Caçada na selva, a flecha espreita

## Ritual Bororo

Traz o corpo e eleva a alma  
Tudo em canto, em dança  
Tudo em canto, em dança

Vai pintar a caveira

Os ossos enfeitar

Pelas mãos do "pai ritual"

Ensino ancestral da terra

Vão cantar, em meio de choros pelo ar

É o lamento da "mãe ritual"

Espanta o mal

Tambores tocando para o funeral

Ê ah ê ah ê

Aroemayvú vai dançar

Ê ah ê ah ê

A fúria na mata

É Bope, é bote

Aroê na caça

Um passo ligeiro

Um golpe certo para consumir

Felino abatido, feroz destemido

O sopro da vida vai te encontrar



Viaja a morada  
Vai descansar  
O ciclo da vida não pode parar

Oh, oh, oh  
A caça, a arte, o tempo ensina  
Oh, oh, oh  
Celebra viva  
A morte e vida

E traz o corpo  
Enfeita o corpo  
Rito do povo  
Tempo novo  
Tudo de novo  
Rito Bororo  
Traz o corpo  
Enfeita o corpo

Funeral é ritual

Ê ah ê ah ê  
Aroemayvú vai dançar  
Ê ah ê ah ê  
A fúria na mata  
É Bope, é bote